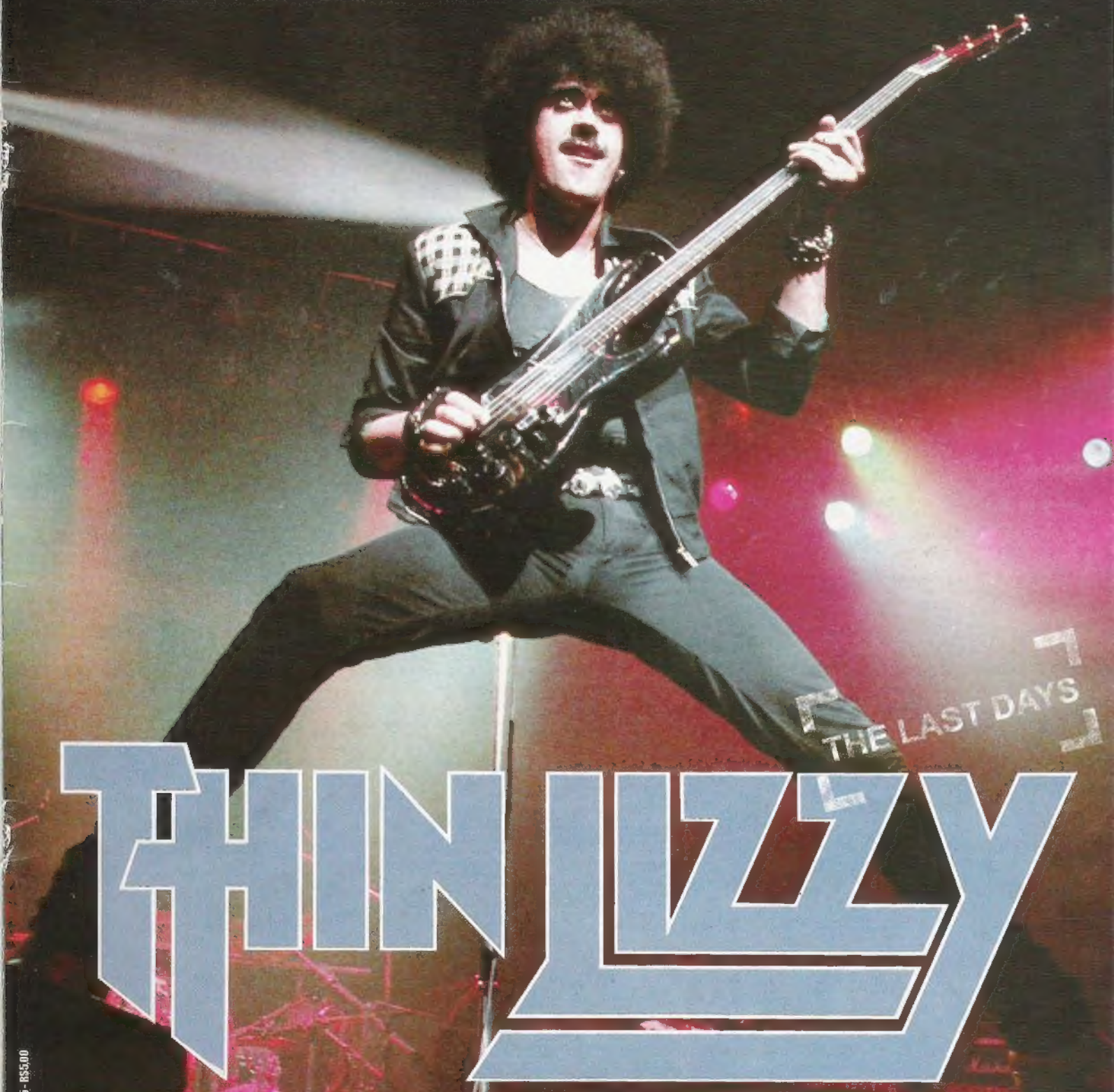
GRATEFUL DEAD MOTÖRHEAD RICK WAKEMAN JAQUES DO KALEIDOSCÓPIO

www.poeirazine.com

poeira Zine

o melhor da música do melhor dos tempos



THIN LIZZY

SHOWS LOTADOS, VOLTA ÀS PARADAS, GRANDES FESTIVAIS...

A EMOCIONANTE TOUR DE DESPEDIDA
OS TEMPOS PESADOS DE RENEGADE E THUNDER AND LIGHTNING
OS 20 ANOS DA MORTE DE PHIL LYNOTT

número 10 - dezembro de 2005 - R$5,00

VIOLETA DE OUTONO

Lançamento!

VIOLETA DE OUTONO
Ilhas
VPB107CD*

ILHAS

RADIO INVISIBLE · BRAIN TO BRAIN

Cyber-home do Violeta de Outono
& Invisible Opera Company Of Tibet

INTERSTELLAR CONNECTION IN TUNE WITH THE MUSIC OF THE SPHERES

www.invisivel.com.br
www.violetadeoutono.com.br

*títulos disponíveis pela VOICEPRINT www.voiceprint.com.br

INVISIBLE OPERA

Lançamento!

INVISIBLE OPERA
COMPANY OF TIBET
Live at Brittania
Cafe '94
VP341CD*

LIVE AT
BRITANNIA
CAFÉ '94

So What!?

CDs e DVDs
NOVOS E USADOS
COMPRA, VENDA E TROCA
Heavy metal, punk, rock em geral.
Atendemos todo o Brasil pelo correio
Galeria do Rock: R. 24 de Maio 62, Loja 366, 2° andar
São Paulo/SP CEP 01041-000 Fone: (11) 3362-1910
www.sowhatcd.com.br

www.kingcrimson.com.br

O único site brasileiro dedicado ao Rei Escarlate

História do grupo - Discografia comentada - Letras traduzidas - Fotos
Ouça álbuns dos integrantes - Assista shows completos - Salas de bate papo

Delta Blues Bar

Desde 1992

13 ANOS DE PERSONALIDADE,
BLUES E ROCK 'N ROLL.

Av. Andrade Neves, 2042 - Campinas - SP
F: (19) 3242-8166 / www.deltabluesbar.com.br

www.aqualung.com.br

Aqualung
Records LTDA.
Audio e Video

HARD - PROGRESSIVO - JAZZ ROCK
PSICODÉLICO - ROCK 60 e 70

Loja 1: Galeria do Rock - Rua 24 de Maio, 62 - Loja 305 - Fone/Fax: (11) 222-0284
Loja 2: EM&T - Andar Térreo - Fone: (11) 5011-8898 aqualung@aqualung.com.br

mister sebo

CDs - LPs - DVDs - livros e revistas de música - quadrinhos
compra - venda - troca
tel: (11) 5506-2534 mistersebo@gmail.com
r. guararapes, 1616 - brooklin novo - são paulo - sp

DUNNO CDs & DVDs

Clássicos do Rock - Progressivo
Blues - Jazz - Guitarristas

(11) 3337- 0322

Galeria do Rock
Rua 24 de Maio, 62 - Loja 371 - 2º andar - São Paulo - SP
www.dunno.kit.net

WWW.RARIDADEDISCOS.COM.BR
Fone: 41-3223-0316
Curitiba/Parana

Jardim Elétrico CDs & LPs
www.jardimeletricodiscos.com.br

Compra - Venda - Troca
Fone: (11) 3331-7937
Galeria do Rock
Rua 24 de Maio, 62 - Loja 284 - 1º andar - São Paulo - SP

PENNY LANE DISCOS
www.pennylane.com.br cd@pennylane.com.br
Psicodélico - Rock Progressivo - Folk - Rock - Blues - Jazz - Hard
LP's - CD's - DVD's / Novos e Usados
Rua Corrêa Dutra, 99, Loja 5, Catete, Rio de Janeiro/RJ
Tels: (21) 2225-7348 e 2285-4833 Fax: (21) 2225-7347

SEBO SÃO PAULO sebosaopaulo@bol.com.br
CD'S - LP'S - Livros e Afins
Compra e Venda
Rua Taquari, 35A - Mooca -São Paulo - SP
(esquina da Rua da Mooca c/ Av. Paes De Barros) - Fone: (11) 6693-0664

SEBO JAZZ & BLUES
LPs - CDs - DVDs - Camisetas - Fitas de Vídeo
Compra Venda e Troca / Novos e Usados / Todos os Estilos
Atacado e Varejo
Rua Teodoro Sampaio, 1071 (em frente a Pça. Benedito Calixto)
www.jazzblues.com.br - São Paulo - SP - Tel: (11) 3088-2376

STONED DISCOS POA - RS
Raros e Importados
Compra - Vende - Troca
LP's / CD's / Vídeos
DVD's e Livros
Rua Mal. Floriano Peixoto, 371 - Porto Alegre - RS
Fone/Fax: (51) 3225-5136 - stonedcd@terra.com.br

Rock Bottom
SITE ESPECIALIZADO EM ÁUDIO/VÍDEO
(CDs/DVDs/VCDs/VHS)
Classic Rock '70
KISS
Rock Nacional '70
Visite nosso site e adquira o nosso catálogo completo
(11)3207-6359 c/ Renato
WWW.ROCKBOTTOM.KIT.NET

BOCA DO DISCO
Lp's , Cd's & DVD's
Compra - Venda - Troca
Novos e Usados
Fones: (51) 3228-7053/3028-1063
Fax: (51) 3028-0753
Rua Marechal Floriano Peixoto, 474 - Porto Alegre - RS

fone: (11) 223-8101
Galeria do Rock
Rua 24 de maio, 62 - 1º andar - Loja 252
São Paulo - SP - CEP:01041-000
e-mail: robsonse@terra.com.br

Merry Christmas ...I don't have a fight tonight...

Dezembro sempre me faz lembrar músicas natalinas legais, apesar da maioria delas serem realmente insuportáveis...

"Merry Xmas Everybody" do Slade, por exemplo, ou mesmo a faixa do Ramones, que é o título desse editorial...

Outra pérola natalina é "A Merry Jingle" da banda The Greedies, um combo que uniu o pessoal do Thin Lizzy com o pessoal do Sex Pistols para um single natalino, em 1979. Taí a conexão Thin Lizzy-Natal que eu tanto procurava para abrir esse editorial e apresentar a capa dessa nova edição.

O Lizzy é banda Top no coração desse editor e também uma banda muito pedida pelos leitores, então nada melhor do que unir o útil ao agradável e trazer um especial sobre os últimos dias da banda de Phil Lynott. Além da desculpa natalina, em janeiro serão completados 20 anos da morte desse músico excepcional, assim, resolvemos antecipar as homenagens com esse especial dessa edição da pZ.

Ainda nas nossas corriqueiras homenagens, 2005 fez a "alucination-nation" norte-americana comemorar os 40 anos da fundação do Grateful Dead e lembrar os 10 anos da morte de Jerry Garcia. Como no Brasil quase ninguém dá trela para o grupo de São Francisco, esse que vos escreve e o colaborador William Cook, não poderiam perder a oportunidade para fazer uma abordagem inédita sobre um fato bizarro que sempre os acompanhou: o azar do grupo nos grandes festivais dos anos 60.

A poeira faz um tributo à programação roqueira das rádios dos anos 70 e traz uma entrevista com Jaques, apresentador do ilustre programa Kaleidoscópio, e um artigo especial do colaborador Cláudio Fonzi sobre a finada Eldo Pop, uma rádio carioca que só tocava coisa boa.

Já que o mês é de comemoração, Lemmy Kilmister, o líder do Motorhead, completa nesse mês 60 anos de muito Rock N' Roll. Nada mais apropriado do que encomendar ao especialista Ricardo Alpendre, um guia de como "colecionar" Lemmy e seus principais serviços prestados ao Hawkwind e ao Motorhead (que completou 30 anos nesse ano de 2005).

Leitor da poeira Zine, você está intimado a comemorar! Deixa de ser rabugento e abra uma cerveja para Lynott, Lemmy, Garcia, e para esse número 10 da poeira Zine! Ah, e outra para o editor dessa publicação, que também faz aniversário em dezembro! Hahaha

P.S. E ainda tem o aniversário do Zappa, Alvin Lee, Paul Rodgers, Ozzy, Keith Richards, Greg Allman, Felix Papallardi, Jim Morrison e muitos outros...Pode encher a cara!

Bento Araújo

www.poeirazine.com

Bento Araújo nasceu em 1976, é jornalista profissional e adora a música dos anos 60 e 70. É o editor da poeira Zine: escreve os textos, faz a diagramação, cuida da arte, do visual, faz "a social" com os anunciantes, distribui, faz correio, banco, responde os e-mails e as cartas e também limpa o banheiro da redação. Além de tudo isso, o cara ainda tira uma onda tocando contra-baixo pela noite paulistana, além de vez ou outra fazer um "bico" em alguma loja de discos em troca de raridades vinílicas. O Editor também oferece seus serviços jornalísticos e musicais a quem se interessar...

Editor e Jornalista Responsável : Bento Araújo MTB 38344

Para saber mais sobre números atrasados, anúncios, assinaturas, pontos de venda e distribuição:
poeira Zine On Line:
www.poeirazine.com

E-Mail: contato@poeirazine.com
Tel.: (11) 9526-7947

Caixa Postal 12089
CEP 02013-970
São Paulo - SP - Brasil

Todas as matérias são de autoria do editor, exceto as indicadas.
As matérias assinadas são de responsabilidade dos autores. Não refletindo portanto a opinião do editor.

Não é permitida a reprodução total ou parcial desta obra, por qualquer meio, sem a prévia autorização por escrito do editor.

Números atrasados, ao preço de capa da última edição, pelo www.poeirazine.com

poeira Zine - ano III - número 10
dezembro de 2005

Colaboraram nesta edição: Cláudio Fonzi, Fábio Fiscilletti, Luiz Domingues, Maria Lúcia Lessa, Ricardo Alpendre, William Cook e Yuri Garin.
Capa: Carol Penna e Bento Araújo
Revisão de textos: Patrícia Grillo
Fotos: Toni de Gomes (whodigital@hotmail.com), Alexandre Cardoso, Carol Penna. Divulgação e Reprodução.

Agradecimentos: Carmen, Carol, Tó, Padre Bento, todos os meus amigos aqui da Terra e do Universo, Deus, Vô Lázaro, Vó Edyr, Luiz Barata (Webmaster poeira), Patrícia Grillo, Diaz, João Pacheco, Daniel Atibaia, José Damiani, Júlia, Ray, Rogério Medusa, Cadinho e Sérgio Alpendre, Helton, Nivaldo, Fábio Golfetti, Luiz Domingues, Nélson, Normando (nº 1 do blues), Magrão e Moacir, Bonfim, Kid Vinil, Carlinhos Apfel, Pedrão So What, Joe, João Paulo Andrade, Socram, Vladimir, Carlinhos Vinil 7, Wilson Queen e Zé, Danilo Mafer, Jorge, Dr. Rock, Marco e Zé (Freenote), Leonardo e Rafael (Penny), Alcides, Orlando Halley, Júlio Kondo e Daphne, Renatão Kiss, Cahuê, Neigmar, Fábio Goiânia, Luciano Opus, Edinei, Riva de Campinas, Carlos [illegible], Antônio Carlos (site King Crimson), Paulo (Sebo SP), Donizeti e Alê Cactus, Sérgio Sayeg e Teca, Jean Metal, Getúlio Boca, Ivan Stoned, Luiz (Roots), Alê (Museu), Fábio (Hiplace), Otaviano e Vera, Toni de Gomes, Dagoberto, Paulo e Marco (Jazz & Blues), Elias Altim, Robson Mechanix, Marco (Mister Sebo), Horst e Garimpo, Cláudio Fonzi, Ezio, Danilo Hard Road, Ricardo Alexandre (Bizz), Toninho e Tony (Brigade), Caio, Izal e Caça Niqueis, Amauri e galera do Rocha Sólida, Manuel e todos do Expresso Valvulado, Billy e Xandra Joplin, Cracker Blues, Reginaldo V. Matos, William Cook, Flavinho, Fábio Massari, Maria Lúcia Lessa, Café Piu Piu, Rainer Pappon, Marco Ummagumma, Alexandre Demetrio (This is for you man') e todos aqueles que pintaram na primeira edição da poeira Zine Fest.

Ummagumma
o seu fórum de discussão sobre progressivo
www.ummagumma-forum.com

Cactus Records
LP's - CD's - DVD's
Novos e Usados
COMPRA VENDA E TROCA
TEL: (11) 3331-5321
cactusrec.@uol.com.br
Rua 24 de Maio, 62 - 1º andar/ Sala 281/ São Paulo

MUSEU DO VINIL
LP S e CD s
telefones: 5062 6387 / 6915 8456
Rua Cisplatina, 502 - Ipiranga - São Paulo - SP

RELICS DISCOS
CD's - LP's - DVD's
Novos e Usados
Enviamos para todo o Brasil via correio
Rua 24 de Maio, 62 - 2º andar - Box 310
São Paulo - SP - CEP: 01041-000 - Fone/Fax: 223-1602

opus discos
Vinil e CD's
Compra, Venda, Troca e Consignação
opus46@bol.com.br
Atendemos todo o Brasil via correio
Pç. Osorio, 333, lj. 46, gal. do Comércio - Curitiba/PR - F: 41-233-2583

CAÇA-NÍQUEIS
www.cniqueis.com.br
Aulas de bateria com Caio - fones: (11) 3399-5422/9655-7033
Contato para shows: (11) 5503-9835 (André) / 9653-8252 (Izal)
Estúdio de ensaio e gravação - fone: 5904-3832 (metrô Sta. Cruz)

www.sensorialdiscos.com.br
11 3333*1914
.SENSORIALDISCOS.
Rua 24 de maio, 116 - Rua Alta - Loja 07 - São Paulo - SP

Rock n' Roll Soul
The Real Rn'R Tribute Band
Free / Grand Funk / Purple / Led / Stevie Wonder / Stones / Lynyrd / Cream
Neil Young / Tutti Frutti / T.Rex /Beatles
Creedence e Tributo ao Mountain
contato para shows: Bento Araújo (11-9526-7947)

mundo bolha

breves curiosidades sobre o mundo do qual fazemos parte

poeira Zine Fest – Café Piu Piu (SP) – 27/10 - fotos de Toni de Gomes

Bolar, organizar, ensaiar e concretizar essa festa da poeira Zine foi uma alegria imensa! A idéia partiu de se fazer uma homenagem a três bandas que foram capas da pZ: Lynyrd Skynyrd, Mountain e Rory Gallagher.

Não sei se todos vocês sabem, mas também sou músico (toco contra-baixo) e senti que podia juntar num só evento uma espécie de comemoração ao tipo de música que venho apresentando aqui na pZ. Seria um encontro entre os leitores, assinantes, anunciantes, amigos e também os músicos. O motivo principal era não só ficar tomando umas e jogar conversa fora, mas sim subir no palco e fazer o rock rolar.

E assim foi feito.

A primeira banda que tocou foi o Marcelo Watanabe Trio, contando com o próprio nas guitarras, violão e vocais. Esse que vos escreve no baixo e José Luiz Dinóla (ex-A Chave do Sol) na bateria. Tocamos clássicos do Rory Gallagher como "A Million Miles Away", "Who's That Coming", "Tattod Lady" e "Shadow Play", entre outras.

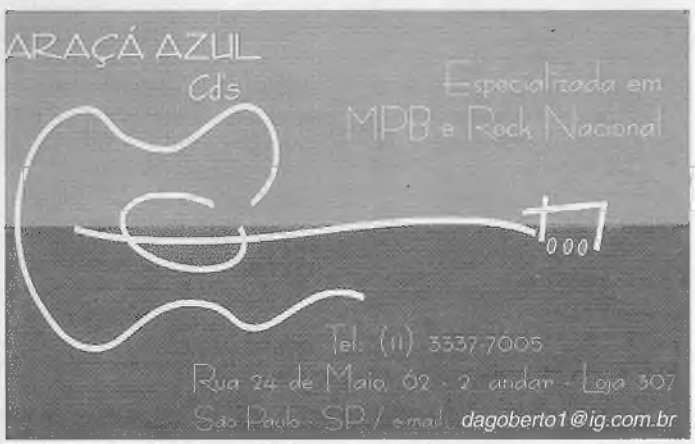
Já com a casa lotada veio o Rock N' Roll Soul, a minha banda ao lado de Ricardo Alpendre (Tomada), Marcião e Ivan (que tocam com o Denny Caldeira). Fizemos mais de uma hora de show com clássicos da banda de Leslie West e Felix Pappalardi como "Nantucket Sleighride", "Never In My Life", "Theme For an Imaginary Western", "Blood Of The Sun", "SouthBound Train", "For Yasgur's Farm", "Mississipi Queen" e outras. Fizemos ainda uma Jam com o gaitista e vocalista Paulo Meyer, que estava fazendo aniversário no dia, e com o vocalista Totó.

Fazer um show tocando Mountain na noite paulistana não é algo muito comum de se ver, a galera e nós todos adoramos!

Depois de alguns sorteios e um papo com o pessoal foi a vez do Tributo ao Lynyrd Skynyrd, contando com integrantes da banda Baranga (Paulão, Xande e Soneca), Garagem Hermética (Tiba e Vanessa) e o Marcelo Watanabe. Som nas alturas, três guitarras (uma Strato, uma Les Paul e uma Firebird!) e o vocalista Tiba simplesmente idêntico ao mestre Ronnie Van Zant. "Travelling Man", "Call Me The Breeze", "Simple Man", "Gimme Three Steps", "Gimme Back My Bullets", "That Smell", "Workin' For MCA", "Saturday Night Special" e muitas outras foram tocadas para o delírio da galera. No final, "Sweet Home Alabama" e "Freebird", com todos cantando em plenos pulmões.

No primeiro semestre de 2006 devo estar agitando a segunda edição da festa e aproveito para avisar que o DVD duplo e os CDs dessa primeira edição já estão disponíveis para quem quiser conferir. Para mais informações basta acessar o site www.poeirazine.com

O astral foi 100%, a receptividade da galera ótima, os músicos deram tudo de si e eu tive um dos dias mais alegres da minha vida. Bom para uma quinta feira no final do mês, não é?



MAFER Records
dansilmafer@uol.com.br

Compra, Venda e Troca de LPs e CDs
Rock - MPB - Bossa - Jazz - Psych

Tel:(11) 3159-3527

Galeria Nova Barão - Rua 7 de Abril, 154
(Rua Alta, loja 28) - CEP: 01044-000 - São Paulo/SP

mundo bolha

breves curiosidades sobre o mundo do qual fazemos parte

Adivinhe quem é?

Dica: banda seminal do Metal Britânico. Já tocou três vezes no Brasil.

Resposta só na próxima edição. A primeira resposta correta que chegar via carta escrita leva uma camiseta da poeira Zine.

Resposta da edição anterior: David Coverdale

alive and kickin

A seção Fundo do Baú está de volta nas páginas da ilustre Rock Brigade. O editor da pZ ataca com a The Sensational Alex Harvey Band na Brigade de dezembro.

Já que o assunto é colaborações, na Bizz de janeiro, o editor da pZ aparece com um texto especial sobre a primeira edição do Festival de Águas Claras, em Iacanga.

A banda Apokalypsis do grande Zé Brasil lança seu primeiro CD, 1975, que traz um show inédito realizado no teatro Bandeirantes. A festa de lançamento será dia 17/12 na loja Nuvem Nove, em São Paulo.

Um maluco chamado David Brooks bancou 2 milhões de dólares para ter Steven Tyler e Joe Perry tocando na festa de aniversário de sua filhinha. Além da dupla do Aerosmith, o figura contratou também outros nomes como Don Henley, Joe Walsh, Stevie Nicks e Kenny G. Haja grana!

Warren Haynes está preparando seu show beneficiente de fim de ano. Será a 17ª edição de sua Xmas Jam, que a cada ano traz diferentes participantes. Nessa edição rola um set elétrico do Hot Tuna, Trey Anastasio (Phish), Audley Freed (Black Crowes) entre outros.

Para quem curte ACIDC, acaba de ser lançado um LP duplo pirata imperdível. In The Beginning traz um show de março de 1974, gravado em um hotel de Sidney, Austrália. A banda dos irmãos Young ainda contava com os vocais de Dave Evans. Corra, pois só foram lançadas 200 cópias em vinil colorido. Que tentação!

Já que o assunto é ACIDC, Angus Young encabeçou a lista de "25 greatest short dudes of all time" publicada pela revista Maxim! Na lista dos baixinhos também marcaram presença Martin Scorsese e Napoleão Bonaparte entre outros.

Capas Históricas

a história que somente uma capa maravilhosa pode contar...

MALO - *Malo*

Lançamento: 1972 - Design: Jesus Helguera

O Malo conseguiu uma certa reputação na primeira metade dos anos 70 graças a três motivos. Primeiro: o líder da banda era Jorge Santana, irmão de Carlos Santana. Segundo: emplacaram um hit: "Suavecito", faixa presente nesse álbum de estréia dos rapazes. Terceiro: a maravilhosa capa desse disco em questão.

Amor Índio é o nome dessa pintura do mexicano Jesus Helguera, criada em 1954. Aqui um guerreiro asteca é flagrado no momento em que se prepara para beijar sua amada. O cenário é pesado e ao mesmo tempo belo. O céu por trás do casal está tempestuoso, enquanto a garota está abraçada num cervo bebê. No chão, um pássaro recém abatido pelo guerreiro agoniza, se contrapondo com a ternura dos olhos fechados da garota.

Jesus Helguera nasceu em 1910 e logo cedo se destacou nas aulas de arte. Morou na Espanha e lá foi contratado para ilustrar vários livros de arte com suas pinturas dramáticas. De volta ao México (fugindo de uma guerra civil na Espanha), Helguera passou a estudar a fundo a história de seu país, suas origens e a mitologia Asteca. Tudo isso passou a refletir nos seus trabalhos. Muitos calendários mexicanos estampavam as ilustrações de Helguera. Inclusive na América, quase todos os jovens descendentes de mexicanos passaram suas vidas mudando as folhas de calendários ilustrados com as pinturas de Helguera.

Quando o álbum do Malo foi lançado em 1972, ficou fácil associar aquela capa com a tradição e os costumes mexicanos, que era obviamente o intuito do grupo de Jorge Santana. A gravadora (Warner) sacou a bela jogada e todo o material promocional que acompanhava o álbum, como anúncios, cartazes e camisetas, traziam a pintura de Helguera, um artista que através de sua obra imortalizou a mitologia Asteca, a Virgem de Guadalupe e uma banda de rock chamada Malo.

Bolha da Vez

'Bolha' é o cara doente por música, segundo a mãe do bolha do editor.

Certo dia convidei minha namorada para jantar comigo. Ela chegou na minha casa por volta das 16:00 e eu estava em um daqueles raros dias com vontade de organizar as coisas e então a convidei para me ajudar a colocar meus discos em ordem alfabética, a fim de facilitar quando eu quisesse procurar algo. Minha namorada, muito a contragosto, topou. Porém, 1.500 discos foi muito para ela (fora os compactos) e como moro no interior e tudo fecha cedo, ficou contente com um hot-dog as 2:30 da manhã! Não sei, mas desconfio que isso tenha contribuído para que hoje ela seja minha ex-namorada....

***Eric Freitas de Itapetininga-SP** por e-mail. (Eric ganhou uma camiseta da pZ e um CD do Lírio de Vidro).*

mundo bolha

Antes da Fama - Band of Joy

Do que se trata?

Dentre as muitas formações da Band Of Joy, em uma delas tocaram John Bonham e Robert Plant, ambos futuro membros do Led Zeppelin. Noddy Holder, que depois ficou famoso com o Slade, era roadie da Band Of Joy.

Como começou tudo?

Tudo começou em Birmingham e a formação de maior impacto trazia John Bonham na bateria, Chris Brown no órgão, Kevin Gammond na guitarra e vocal, Paul Lockey baixo e vocal e Robert Plant como vocal principal. Plant fundou a banda em 1966, sendo que apenas alguns meses depois abandonou tudo devido a conflitos com um manager emburrado. Depois das tentativas infundadas de Plant em montar outra Band Of Joy, ele acabou retornando para a original e trouxe consigo um amigo de infância, John Henry Bonham. Essa terceira encarnação da Band Of Joy atuou nos anos de 1967 e começo de 1968.

E o Som?

A mistura de Soul e Blues que a Band of Joy fazia atraía muitos Mods da região de Birmingham. Nos shows a banda executava músicas como "Memory Lane", "Hey Joe", "For What Its Worth" e "Adriatic Sea View". Os integrantes (principalmente Robert Plant), adoravam bandas da costa oeste norte-americana como o Jefferson Airplane, Doors, Moby Grape e Love. Essa sonoridade acabou influenciando bastante a Band Of Joy.

O que aconteceu depois?

A formação da Band of Joy com John Bonham e Robert Plant durou de janeiro de 1967 até maio de 1968, quando o cantor norte-americano Tim Rose foi fazer uma tour pela Inglaterra e contratou John Bonham para sua banda de apoio. Depois dessa tour Plant voltou a contactar Bonham, dizendo que estava numa nova versão dos Yardbirds, ao lado de Jimmy Page e John Paul Jones, e que estavam precisando urgentemente de um baterista. Bonham de início recusou, mas depois acabou cedendo. Juntos formaram o Led Zeppelin, mas isso todo mundo sabe. Agora, o que aconteceu a Kevin Gammond e Paul Lockey? Bem, eles formaram uma banda de country-rock chamada Bronco. Participaram também desse grupo o vocalista Jess Roden (que além de artista solo ainda trabalhou com Paul Kossoff) e o guitarrista Robbie Blunt (futuro companheiro de Plant em sua carreira solo). A banda Bronco lançou dois álbuns e logo terminaram tudo devido a um grave acidente automobilístico envolvendo seus integrantes. A Band of Joy chegou a se reunir em 1977 e até gravou alguns álbuns (um em 78 e outro em 83). Plant e Bonham foram convidados a participar desse retorno mas os compromissos com o Led passaram por cima de qualquer proposta interessante.

Curiosidades do período

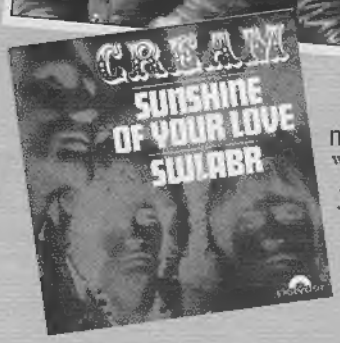
A Band Of Joy fez um show memorável no Queen Mary Ballroom, em Dudley, Inglaterra. Ovacionada pelos poucos presentes, a banda voltou para o bis apresentando uma versão para o clássico "If I Were A Carpenter", original de Tim Hardin. Durante a canção, Robert Plant se empolgou e executou uma cena que depois ele tornaria famosa com o Led Zeppelin: levantou o pedestal do microfone, abriu as pernas e simulou o ato sexual. Até aí nada de mais, porém, a mãe de John Bonham estava presente e isso foi demais para aquela senhora que caminhou até a beira do palco e gritou em direção ao seu filho: "John, saia já dessa bateria! Você não vai tocar mais com esse garoto (apontando para Plant)! Ele é um pervertido!"

Onde eu acho?

A Band Of Joy chegou a gravar algumas demos no começo de 1968. A faixa "Adriatic Sea View" chegou a sair oficialmente numa coletânea beneficente (em fita K-7!) na Holanda! Alguns anos depois, a mesma fita chegou a vir encartada na revista Nirvana Magazine, um item de colecionador. Existem no mercado alguns CDs piratas do Led com gravações da Band Of Joy e, agora com o MP3, a maioria desse material pode ser encontrado na Internet.

RIFFS QUE MUDARAM O MUNDO

Sunshine Of Your Love - Cream (1967)



Não só um dos maiores riffs do rock, mas também o maior sucesso do Cream, "Sunshine Of Your Love" foi inspirada em Jimi Hendrix.

O lendário baixista do Cream, Mr. Jack Bruce, compôs o riff de "Sunshine" assim que voltou de um show de Hendrix. Duas notas de início e mais algumas outras na seqüência: a receita da eficácia e o diferencial desse hit do Cream. Outra grande sacada, o riff não fica só na introdução, vai martelando os tímpanos do ouvinte através dos versos, muda de tonalidade em certo momento e acaba no refrão. A alternância dos vocais de Jack Bruce e Eric Clapton, as batidas tribais de Ginger Baker e o solo de guitarra inspirado na tradicional "Blue Moon" também são marcantes.

Na verdade uma canção de amor sacana, "Sunshine Of Your Love" exprime aquela tradicional angústia masculina da espera pelo sexo. O trecho 'I'll soon be with you my love, to give you my dawn surprise' pode ser facilmente associado com a "ereção matinal", comum na maioria dos homens. Tudo isso cortesia do letrista e poeta 'beat' Pete Brown, que passou sua inspiração para o papel assim que Bruce executou o novo riff às cinco da manhã, depois de uma noite em claro. Brown olhava pela janela e contemplava a bela experiência de ver o sol nascer e escreveu os primeiros versos: "It's getting near dawn, when lights close their tired eyes".

O Cream partiu para a conquista do mercado norte-americano chegando à quinta posição das paradas com essa música, que também era o carro chefe do segundo álbum do grupo, *Disraeli Gears.*

Hendrix não sabia que tinha servido como inspiração da canção e mesmo assim tocou "Sunshine of Your Love" em muitas ocasiões, sendo a mais famosa aquela transmitida pela TV inglesa em 1968, quando participava do programa da cantora Lulu e deixou todo mundo espantado.

Usualmente, grandes clássicos do Rock marcam época através de riffs de guitarras, como é o caso de riffs históricos de Hendrix, Who, Led, Sabbath, Purple, AC/DC, Status Quo e outros. No caso de "Sunshine of Your Love" a canção é carregada com um riff de baixo, e podemos afirmar que todo garoto aspirante a contra-baixista aprende "Sunshine" logo nos primeiros contatos com o instrumento. Digamos que ela seja a "Smoke On The Water" do contra-baixo.

Além do fato de trazer um grande riff, "Sunshine Of Your Love" é um híbrido perfeito de Hard, Pop e Psicodelia.

LISTA DO BOLHA

Já que bolha não vive sem lista, que tal mais essa:

10 GRANDES TÍTULOS DE DISCOS DO ROCK

(SEGUNDO RICARDO ALPENDRE)

1 - GENE VINCENT ROCKS! AND THE BLUE CAPS ROLL
Gene Vincent and The Blue Caps
(Capitol, 1958)
Este, o melhor de todos os títulos de álbuns, descreve apenas o que fazem Gene e os Blue Caps em seu terceiro elepê: "roquear e rolar".

2 - YOU ARE THE MUSIC... WE'RE JUST THE BAND
Vocês são a música... e nós apenas a banda
Trapeze (Threshold, 1972)
Perfeito! A atitude que qualquer artista que se preze há de ter.

3 - RUST NEVER SLEEPS
A ferrugem nunca dorme
Neil Young and Crazy Horse (Reprise, 1979)
Das letras de "Hey Hey My My (Out of the Blue / Into the Black)": 'É melhor se incendiar que enferrujar'.

4 - 50,000,000 ELVIS FANS CAN'T BE WRONG
Elvis' Gold Records Volume 2
50 milhões de fãs de Elvis não podem estar errados
Elvis Presley (RCA Victor, 1959)
Até então, éramos apenas 50 milhões.

5 - WE'RE ONLY IN IT FOR THE MONEY
Só estamos nessa pelo dinheiro
The Mothers of Invention (Verve, 1968)
Zappa é Zappa.

6 - ACQUIRING THE TASTE
Adquirindo o gosto
Gentle Giant (Vertigo, 1971)
Porque ouvir Gentle Giant é o chamado "gosto adquirido". Você percebe (ainda não percebeu?!?) que é algo especial e força um pouquinho. Vai curtindo mais a cada audição.

7 - THE LAST WALTZ
The Band (Warner Bros,1978)
Disco e filme, que no Brasil foi chamado 'O último concerto de rock'. Claro que o título original, ou 'A última valsa', é o que conta.

8 - SGT. PEPPER'S LONELY HEARTS CLUB BAND
The Beatles (Parlophone, 1967)
O disco poderia até ser de um artista desconhecido e, ao ler 'Banda do Clube de Corações Solitários do Sargento Pimenta' você saberia que estava prestes a receber um agrado. Um ou dois meses após o lançamento, uma revista britânica encontrou no interiorzão americano um Sargento Pepper de verdade. Ele não sabia quem eram os Feb Four: "Só gosto de country music!"

9 - LOVE DEVOTION SURRENDER
Amor devoção redenção
Carlos Santana / Mahavishnu John McLaughlin (Columbia, 1983)
Também responsável por duas das fotos mais engraçadas a ilustrar capas de discos (a da contracapa e a interna), este álbum trouxe em seu nome, independente do controverso motivo, uma frase perfeita, mesmo sem as vírgulas e conjunções.

10 - THE TIMES THEY ARE A-CHANGIN'
Os tempos, eles estão mudando
Bob Dylan (Columbia, 1964)
OK, em português este perde um pouco da graça. Não há como traduzir *they are a-changin'* sem perder o brilho. Ainda assim é belo por ser de um jovem cantor folk, e, principalmente, por seu futuro próximo.

rolou e foi bom!

shows que rolaram por aí...

mundo bolha

Deep Purple

Credicard Hall (SP) - 03/11

Mr. Silver Voice (e agora 'Silver Hair' também) já não tem a voz de antigamente, mas seu carisma ainda continua ótimo. Sua relação com os fãs brasileiros é especial e ele faz questão de não esconder isso desde sua primeira tour solo pelo país em 1990. Roger Glover e Ian Paice dispensam comentários com performances impecáveis. Steve Morse está cada vez mais à vontade, com sua técnica perfeita. O cara é seguido por uma legião de jovens guitarristas, quase todos presentes nesses shows do Purple, o que colabora para o grande número de expectadores em ambas as noites. Don Airey está longe de ser um Jon Lord, porém é muito experiente e sabe como levar um show. Seu solo foi interessante com trechos de "Star Wars", "Mr. Crowley" e até aquela tradicional puxadinha de saco dos gringos com "Aquarela do Brasil".

Na primeira data eles tocaram "Fireball" e "Hush", que foram trocadas no dia seguinte por "Pictures Of Home" e "Speedy King" (essa numa versão matadora de mais de 10 minutos, contando com um medley genial de canções dos 50s no meio). Além dessas citadas, muito material do Machine Head (pra que arriscar não é?) como "Lazy", "Highway Star", "Space Truckin'" e "Smoke On The Water", coisas do mais recente álbum Rapture Of The Deep, "Perfect Strangers" (uma das melhores músicas da história), "Black Night", "Strange Kind Of Woman" e a surpresa da noite: "Demon's Eye".

O Deep Purple pode retornar inúmeras vezes ao Brasil pois público é algo que a banda tem de sobra por aqui...

Nektar

Tom Brasil (SP) - 11/11

Para quem esperava um Prog mais tranquilo e viajante, o espetáculo foi o caos! Tocando em um volume digno de um Motorhead, o Nektar apresentou um show energético e pesado. Da formação original constam apenas dois integrantes: Roye Allbrighton na guitarra e vocais e Ron Howden na bateria e vocais.

Foram quase duas horas de som e é lógico que clássicos como "Crying In The Dark", "King Of Twilight", "Remember the Future", "The Dream Nebula", "A Day In The Life Of A Preacher" e "A Tab In The Ocean" não poderiam faltar para a alegria dos poucos, porém fanáticos, presentes. Foi tocado pouco material do novo disco da banda, Evolution.

Quem também surpreendeu nessa noite foi a banda de abertura, o Violeta de Outono. Com uma nova formação, mostraram material clássico do grupo junto com temas do seu mais recente álbum, Linhas. Mas a galera enlouqueceu mesmo foi com as músicas do Invisible Opera Co of Tibet, um projeto paralelo do pessoal, mais espacial, psicodélico e ousado.

Television

Sesc Pompéia (SP)
26/10

Finalmente a banda de Tom Verlaine e Richard Lloyd se apresentou em São Paulo, e o melhor de tudo, na choperia do Sesc Pompéia! Lugar perfeito, não tão grande nem tão pequeno, som bom, rango barato e de qualidade, sem fila para entrar, show começando no horário marcado e sempre uma galera esperta conferindo o que rola no palco. O preço dos ingressos parecia um sonho: R$30 (estudante pagou só R$15).

Com sua formação original e com ambos os shows 'sold out' o Television não parecia muito distante daquela banda que cunhou uma obra prima como Marquee Moon, lá em 1977.

Os duelos de guitarra do Television são dignos de um Wishbone Ash, lógico que a época, o estilo e a pátria mãe dessas bandas são diferentes, mas se o Wishbone Ash tivesse surgido no palco do CBGB, em Nova York, naquela segunda metade dos anos 70, talvez eles soassem como o Television.

A cozinha formada por Fred Smith e Billy Ficca segurou bem a onda para os deleites guitarrísticos de Verlaine e Lloyd. Executaram com propriedade temas clássicos como "See No Evil", "Marquee Moon", "Glory", "Little Johnny Jewel", uma versão para "Knocking on the Heaven's Door" de Bob Dylan e mais algumas faixas inéditas. Showzão!

Iggy and The Stooges

Claro que é Rock Festival (SP) - 26/11

O quase sexagenário Iggy espanta qualquer depressão e apatia. Exemplo de 'Lust for Life', o cara já entra no palco pulando alucinadamente, sobe no amplificador do baixista e simula um ato sexual com a caixa. Para na frente do amplificador do guitarrista para captar na íntegra toda distorção imunda. Dá um stage-dive animalesco no meio da galera logo na terceira música, canta o tempo inteiro sem camisa em um frio de arrepiar, joga água gelada na cabeça e dança tanto que fica com as calças no meio da bunda, com o famoso "cofrinho" aparecendo.

O Stooges é básico ao extremo, visceral, primata e natural como o bom rock. No fundo do palco, apenas um pano estilizado com a inscrição ROCK, precisa de mais alguma coisa? Definitivamente não.

Ao lado dos irmãos Ron e Scott Ashton e o baixista Mike Watt (ex-Minuteman e firehose), Iggy Stooge mostrou ser um ícone da música alternativa.

No repertório, somente material dos dois primeiros álbuns do Stooges, tocados quase na íntegra. Nada de Raw Power e dois temas de Skull Ring, ainda o seu álbum mais recente.

Em "No Fun", Iggy chamou a galera para o palco, impediu os seguranças de fazerem qualquer coisa e a invasão começou. Imaginem a cena: o Stooges mandando ver com cerca de 50 moleques malucos pirando, abraçando, beijando e até "encochando" Iggy Pop, que se deleitava com a zona e parecia um moleque de 16 anos! Os seguranças não entenderam nada e o show quase foi interrompido com tanta bagunça. Nunca vi isso em show de bandas profissionais! Um arraso!

A galera respondia com violência, cantando junto todos os clássicos da banda. Foi legal ver "Funhouse" e "1970" com a participação de Steve MacKay no saxofone, assim como no disco Funhouse de 1970. Legal também citar as duas versões do hino "I Wanna Be Your Dog", uma apoteótica, logo no começo do show e a outra imunda e pesadíssima, com o Sax de MacKay.

Não rolou credencial e mesmo assim estivemos heroicamente presentes!

GRATEFUL DEAD

ÍDOLOS NA AMÉRICA, ANÔNIMOS NO BRASIL E AZARADOS NOS SHOWS MAIS IMPORTANTES

AS AVENTURAS LISÉRGICAS DE JERRY GARCIA E SUA BANDA NOS GRANDES FESTIVAIS DOS ANOS 60

Por Bento Araújo e William Cook

Há 10 anos a "longa e estranha viagem" de 30 anos da revolucionária banda de São Francisco chegava ao fim. A morte de Jerry Garcia, em 9 de Agosto de 1995, significou não somente a perda de um músico brilhante, mas sim a de um verdadeiro ícone cultural americano. Para muitos foi o fim do último resquício do espírito dos anos 60. Por aqui, pouca gente ficou sabendo. Apesar de todo o prestígio na América, após 40 anos do início de suas atividades, o Grateful Dead ainda é um mero desconhecido no Brasil e em várias partes do mundo. Um dos principais motivos dessa injustiça é o fato do Dead ter tocado em festivais como Woodstock e Monterey, mas pouca gente sequer ficar sabendo de tais apresentações.

Nos filmes e discos comemorativos de tais eventos, o Grateful Dead ficou de fora por vontade própria. Na América essa atitude soou "cool" e só contribuiu para a imagem do grupo, porém, fora do país essa imagem nem chegou a ser formada.

A confusão começou em Monterey

Quando John Phillips (líder do The Mamas & The Papas) e Lou Adler passaram a idealizar um festival de música nos primórdios de 1967, o movimento hippie de São Francisco estava no auge. O famoso "summer of love" estava prestes a acontecer e a trilha musical dessa época eram as bandas locais, como o Grateful Dead, o Jefferson Airplane e o Quicksilver Messenger Service entre outras.

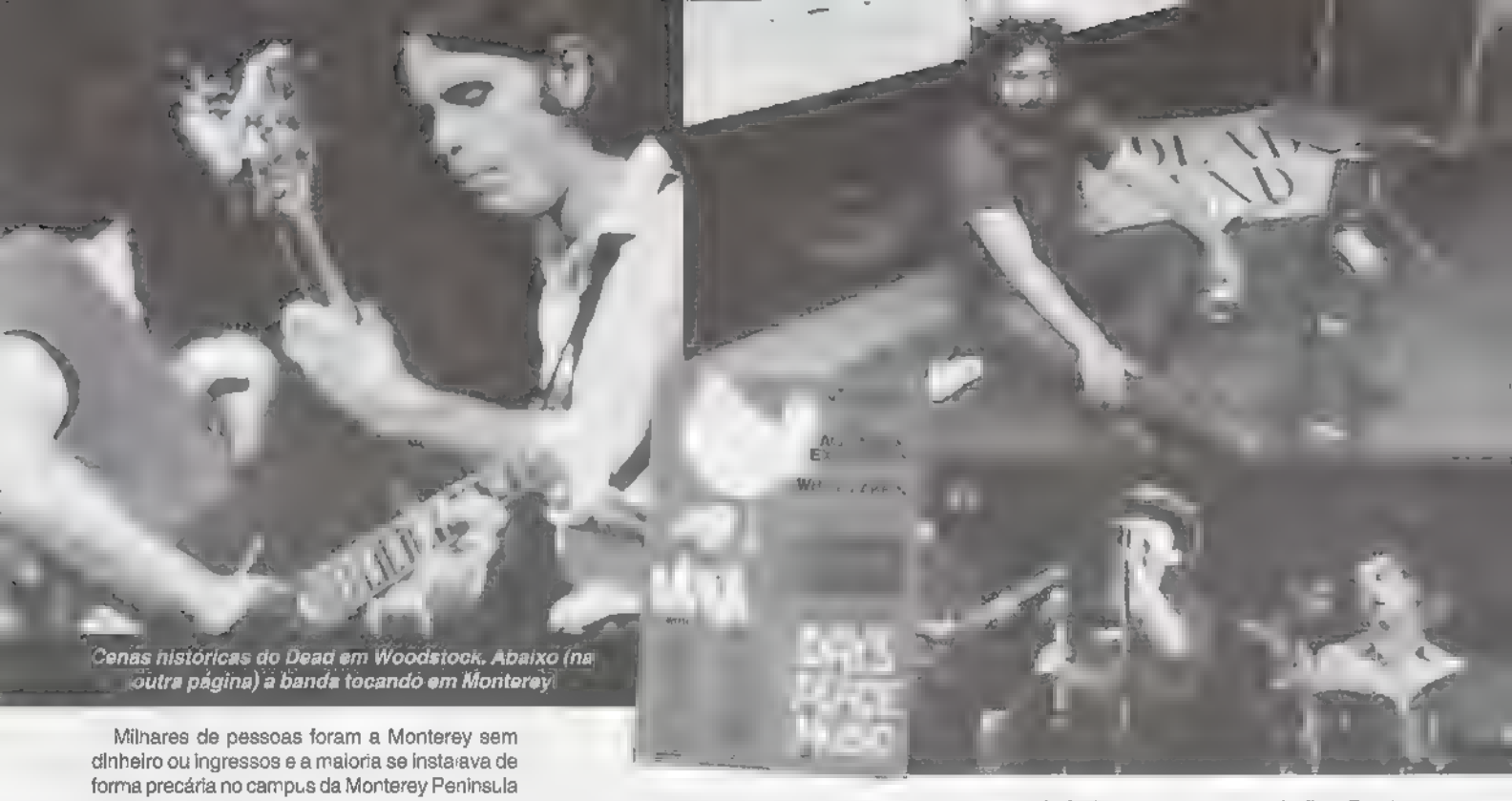
A cidade de Monterey ficava há pouco mais de duas horas (de carro) de onde a 'coisa toda' estava rolando, a Haight Street, em São Francisco.

O próprio John Phillips compôs "San Francisco (Be Sure To Wear Flowers In Your Hair)" e escalou seu amigo Scott McKenzie para interpretar a canção e promover o Monterey International Pop Festival. Com o tema estourando pelo país inteiro, milhares de jovens partiram em direção a Monterey, de preferência sem lenço e sem documento.

Para o pessoal do Grateful Dead aquele festival, apesar de toda a conotação sócio-cultural do evento, não passava de uma espécie de farsa muito bem organizada. Soava como traquinagem de empresários espertos de Los Angeles que queriam capitalizar em cima da cena musical de São Francisco, o que não deixava de ser a pura verdade.

Para convencer a banda a participar, Phillips prometeu para o pessoal do Dead que parte da arrecadação do festival seria doada para os "Diggers", que eram uma "trupe" de comediantes que ajudava a alimentar os milhares de hippies que vieram de todo o país para São Francisco. Os freaks estavam literalmente passando fome e maus bocados, principalmente em função das drogas tomadas em larga escala.

Na véspera do festival o Grateful Dead ficou sabendo que a promessa não seria cumprida, já que John Philips alegava que estava sendo pressionado pelo prefeito de Monterey que, por sua vez, não queria ajudar a 'alimentar o underground'.



Cenas históricas do Dead em Woodstock. Abaixo (na outra página) a banda tocando em Monterey

Milhares de pessoas foram a Monterey sem dinheiro ou ingressos e a maioria se instalava de forma precária no campus da Monterey Peninsula College. Foi feito um acordo e parte do equipamento do festival foi liberada para ser usada também no campus para shows gratuitos do Dead, além de "jam sessions" lideradas por Garcia e Phil Lesh com vários músicos que participaram do festival.

Escalados para o domingo (o último dia do evento), o Dead ficou de se apresentar na ingrata posição entre o The Who e o Jimi Hendrix Experience, bandas das quais eles nunca tinham ouvido falar (o Who ainda era um fenômeno genuinamente inglês e Hendrix estava fazendo seu primeiro grande concerto na América)

Ficaram boquiabertos com a destruição dos equipamentos protagonizada pelo The Who. A quebradeira violenta de Pete Townshend e Keith Moon, somada a feedbacks ensurdecedores, bombas de fumaça e explosões, pareciam desafiar quem ousasse subir naquele palco depois de tamanha catarse. Como o Grateful Dead conseguiria superar tudo isso?

Com os primeiros acordes de Jerry Garcia ecoando nos PAs, muita gente tentava invadir a area reservada para o espetáculo, pulando as cercas violentamente O show foi interrompido por alguém da produção que tentava evitar a invasão. (Cerca de 7.500 pessoas, mais uma seleta platéia de jornalistas, celebridades e 'moderninhos' da época assistiram os shows em Monterey O problema era que cerca de 35 000 malucões estavam do lado de fora tentando invadir o local, que era bem organizado, com cadeiras e tudo mais)

Com clima nada favorável, o baixista Phil Lesh pediu, então, a este pessoal que invadisse a área já que aquele era o último dia do festival. E foi o que aconteceu. Com a pressão, os portões foram abertos e todos puderam entrar. Foi uma apresentação curta e energética de uma banda que, na época, só tinha um disco lançado, mas já transbordava personalidade Infelizmente, este foi um show que caiu no esquecimento.

Após desavenças com a produção, o Dead vetou o uso de qualquer música dessa apresentação no filme oficial do festival e também em qualquer lançamento futuro, fosse em vídeo ou em áudio. Mesmo para quem estava presente, lembrar da banda que tocou entre a quebradeira do Who e um Hendrix que incendiou sua guitarra é algo quase impossível. Com uma apresentação avassaladora e dando tudo para superar o The Who (que tinha tocado antes), Hendrix e seu Experience fizeram todo mundo esquecer quase tudo o que tinha rolado no festival... C'est la vie .

Três dias depois, o Dead tocou em mais um de seus famosos shows gratuitos no Golden Gate Park com um som envenenado pelo mesmo equipamento utilizado no Monterey Peninsula College que, misteriosamente, acompanhou o grupo de volta a São Francisco. Algum tempo depois a consciência falou mais alto e a banda resolveu devolver o equipamento por motivos "cármicos"

• HARD ROCK • PROGR

MEDUSA RECORDS

ATENDEMOS VIA CORREIO
Rua 24 de Maio, 62 - 1°andar - lo
CEP: 01041-000 - São Paulo -

HEAV METAL • STONER ROCK • JAZZ ROCK •

ROOTS RECORDS

www.rootsrecords.com.br

CD's - DVD's - LP's - VHS
Camisetas e Acessórios

Entregamos para todo o Brasil

Rua Felipe Schmidt 249
loja 204 - 2° piso - Ed. ARS
Fone: (48) 222-1134
Florianópolis - SC

METAL

www.metalcd.com.br
metalcds@terra.com.br

CD's - DVD's - LP's
VHS - CAMISETAS

Fone: (11) 4994-7565
Fax: (11) 4436-5500

Atendemos pelo correio para todo o país

Rua Dona Elisa Fláquer, 184
Centro - Santo André - SP

não deram certo.

acabou com o show antes do previsto.

Até hoje é falado que a banda não fez um grande

realidade, Martin Scorsese chegou a editar a atuação do Dead para incluir no filme, porém constatou que o nível de iluminação não era nada satisfatório quando o Dead estava no palco, o que deixou o filme praticamente imprestável.

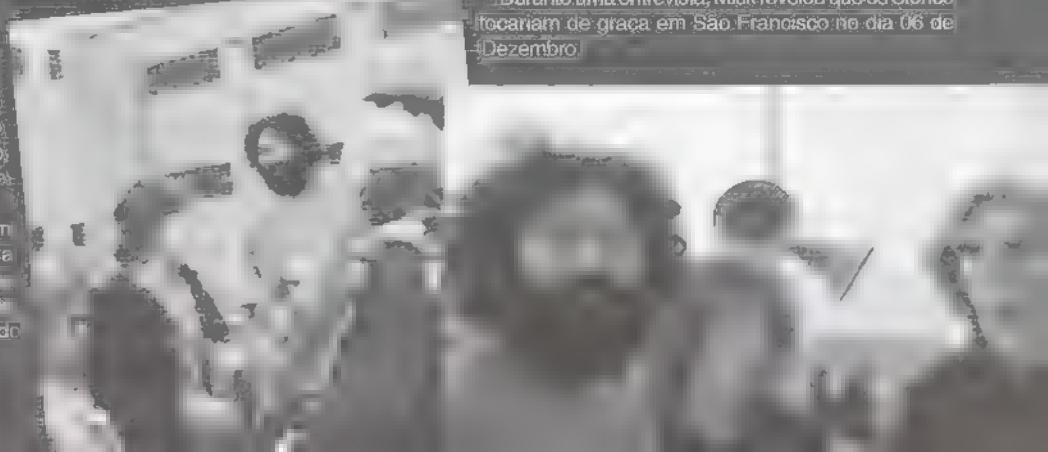
Dizem também que no meio do show do Dead em Woodstock, um maluco subiu no palco e jogou para a

torres de som do festival durante todo o restante do evento: "Não tomem o ácido marrom!"

Ser lembrado por Altamont? Obrigado...

Mas Mick Jagger tinha que abrir a boca...

Durante uma entrevista, Mick revelou que os Stones tocaram de graça em São Francisco no dia 06 de Dezembro.



Grateful Dead

Estava armada a confusão. A prefeitura vetou o show no Golden Gate Park. Começava a correria para achar um novo local. A princípio seria no Sears Point, autódromo ao norte da cidade. Estava tudo certo até a empresa dona do autódromo exigir mais dinheiro do que haviam combinado, isso apenas dois dias antes do show! Os Stones se recusaram a pagar. Parecia mesmo que o show não iria rolar. Teria sido melhor assim.

Na sexta-feira, dia 05, os organizadores receberam uma ligação de um tal Dick Carter, dono do autódromo de Altamont e que havia ficado sabendo dos problemas com o Sears Point, oferecendo o seu autódromo gratuitamente, pois achava que um grande festival de rock seria uma boa propaganda para o seu negócio. Sua oferta foi aceita imediatamente. Com apenas um dia para o show, a montagem do palco e do equipamento não poderia ter sido mais precária. Além disso, ficou decidido que a segurança do evento ficaria a cargo dos Hells Angels, talvez a idéia mais infeliz de todos os tempos.

Cerca de 300.000 pessoas compareceram ao autódromo em Livermore, localizado a 60 quilômetros ao leste de São Francisco. Durante a tarde se apresentaram Santana, Flying Burrito Brothers, Jefferson Airplane e Crosby Stills & Nash. O clima foi dos mais tensos e o pau comeu solto, sendo que até alguns músicos foram atingidos pela violência dos Hells Angels como Marty Balin do Airplane e Stephen Stills.

Diante da violência, o pessoal do Dead se recusou a tocar, deixando a bomba para o show dos Rolling Stones, onde de fato aconteceu a tragédia maior, com o esfaqueamento e morte de Meredith Hunter, tudo isso devidamente registrado no obrigatório filme *Gimme Shelter*.

Altamont abreviou eternamente o ideal hippie. Em questão de poucos meses o sonho de Woodstock virava pesadelo em Altamont.

Os anos 60 terminavam de forma trágica e também acabava a fase mais psicodélica do Dead. Apesar do baque, o ano seguinte marcaria o lançamento dos dois álbuns mais celebrados da história da banda: *Workingman's Dead* e *American Beauty* com um som mais calcado nas raízes country e folk americanas. No mesmo ano, foram lançados o filme e o disco triplo de Woodstock que fizeram artistas como Santana e Joe Cocker serem bem famosos mundo afora (ambos inclusive tocaram no Brasil na década de 70).

O Dead, ausente destes lançamentos, continuou crescendo cada vez mais a ponto de se tornar a banda americana que mais arrecadou com vendas de ingressos em todos os tempos. Mas foi, e continuará sendo, um fenômeno genuinamente americano.

60 anos de Rock N' Roll

como comprar Lemmy Kilmister

*por Ricardo Alpendre **

É um jogo: selecionar, em dez LPs ou CDs, um guia de "como comprar Lemmy". Em princípio, seria fácil e viável indicar coletâneas, especialmente do Motorhead, banda que o celebrizou. Na uma variedade delas, sendo a mais interessante *Stone Deaf Forever!* (Sanctuary, 2003, ****), uma caixa com cinco CDs para encerrar o assunto. Mas nosso mote é mais abrangente: em apenas dez álbuns de carreira, ver quais se classificam na feroz disputa por um lugar na elite da carreira desse ícone, quase um mito, do rock pesado.

Ian Fraser Kilmister, nascido na véspera de Natal de 1945, em Stoke-On-Trent, Inglaterra, filho de um vigário. Por uma coincidência engraçada, após um curto período em uma banda chamada Rainmakers, em 1965 tornou-se o guitarrista dos Rockin' Vickers (antes chamados The Reverend Black & The Rocking Vicars). Lemmy, então Ian Willis, gravou três dos quatro singles do grupo, que debandou em 1967. A melhor edição do trabalho dos Vickers é *The Complete: It's Alright!* (RPM, 2000, ***1/2), que traz todos os masters em apenas 14 faixas! Curioso, mas não essencial.

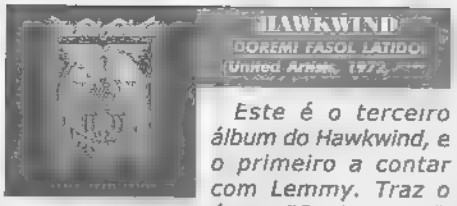
Já em 1969, mas ainda como o guitarrista Ian Willis, nosso herói literalmente escalou alguns degraus com sua arte, e está no álbum *Escalator* (Stable,1969, ***1/2) da banda Sam Gopal. Costuma-se referir a esse nome como de uma banda, mesmo. Sam Gopal, um tecador de tabla até cultuado, não exercia exatamente um papel de band leader, e o trabalho se tornou lendário pela presença de Lemmy. Quase-essencial. Boa tentativa.

Após uma temporada como roadie de Jimi Hendrix, e um curto período na guitarra do *no-hit-wonder* Opal Butterfly... *"Lemmy goes to space"*...

Em 1971 ele entra para o Hawkwind, uma das bandas que definiam o conceito *Space Rock*, a partir daí tocando seu baixo Rickenbacker, pesado, tosco, mas sem frenteiras. Em início de 1972, grava com a banda o single "Silver Machine", um mega-sucesso cantado por Lemmy, o que viria a ser o maior compacto da história dos Hawks.

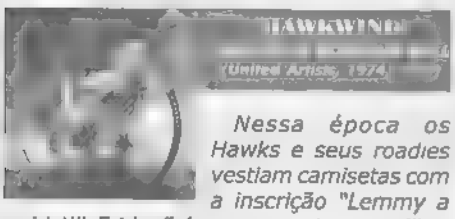
Na nossa lista dos indispensáveis, não incluímos coletâneas nem a fase pós-1983 do trabalho de Lemmy, quase todo ele dedicado ao Motorhead, em alguns casos porque são trabalhos mais direcionados ao heavy metal (embora essencialmente rock'n'roll), em outros por serem dispensáveis, e ainda em alguns casos simplesmente pela regra do jogo (São apenas 10, lembram-se?).

Apesar do tom das lamentações acima, terminamos nossa missão com um saldo pra lá de positivo e com o sorriso largo. Já ouvimos os principais discos da vida musical incrível de Lemmy Kilmister no ano de seu 60º aniversário, e estamos prontos para sair por aí dizendo barbaridades para as garotas, arrumando briga com o vizinho...



*Este é o terceiro álbum do Hawkwind, e o primeiro a contar com Lemmy. Traz o épico "Brainstorm", uma das eternas favoritas dos fãs, "Time We Left", "Lord of Light", "Space is Deep" belíssima com violão, sintetizadores analógicos e a voz de Dave Brock, o mentor da banda. Disco simples e incrível. A edição original do vinil é um show também na parte gráfica. O CD remaster tem ótimas faixas bônus: "Ejection", aqui em versão alternativa, entraria no álbum Captain Lockheed and the Starfighters (UA, 1974, ****1/2) de Robert Calvert, também com Lemmy; "Urban Guerilla", single recolhido das lojas em 1973 após atentados terroristas em Londres, e seu ótimo lado B, "Braibox Pollution" completam a festa demente do caprichado relançamento.*

LP duplo ao vivo gravado em dezembro de 1972 em Liverpool e Londres. A capa original do vinil abre em seis partes. Nessa época a arte gráfica de Barney Bubbles e o som Hawkwind formavam uma parceria sólida e cultuada. Na música, mais e mais demência. Ouvintes ortodoxos vão torcer o nariz... Tecnicamente, é tosco. Não há como defender um disco desses do ponto de vista teórico. Sorte que música não é ciência exata. A edição remasterizada do CD tem faixas extra interessantes, e a parte gráfica, mais uma vez, está quase à altura do LP original.

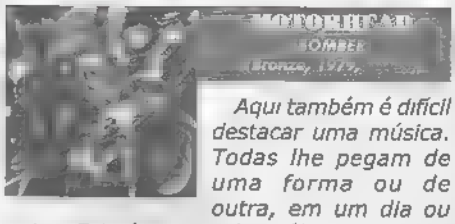


Nessa época os Hawks e seus roadies vestiam camisetas com a inscrição "Lemmy a quid till Friday" (me empresta uma libra até sexta), frase sempre usada por Lemmy e que lhe rendeu esse apelido. Músicas que se tornariam fundamentais. "Psychedelic Warlords" é uma bandeira do Hawkwind. "You'd Better Believe It" prende a atenção dos fãs de Lemmy, a começar pelo riff, e depois pelo refrão com sua voz esganiçada, ainda sem o timbre rouco que seria a cara do Motorhead. "Lost Johnny", que encerra o LP, seria regravada pelo MH. O CD remaster mais uma vez traz faixas bônus, mas são versões reduzidas para o single, com exceção de "It's So Easy", um bom lado B, mas abaixo da média do álbum. O conteúdo gráfico dessa reedição é mais atraente que o do LP. Em 2001 a EMI lançou em CD um bom show da tour desse álbum, The "1999" Party (****).

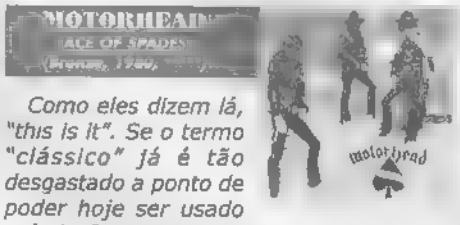
Com Michael Moorcock, o escritor de ficção científica, assumindo as letras, a banda gravou este álbum conceitual, que também não economizou em inspiração. Warrior deixou composições duradouras no repertório da banda ao vivo, como a suite "Assault and Battery / The Golden Void" e "Magnu". Fecha com um grande momento do acidismo, "Kings of Speed". Esta, é bom lembrar, foi lado B de um single de pouca repercussão na época do lançamento, mas que seria de um grande valor artístico e histórico: "Motorhead". A versão original do lado A, temperada pelo violino de Simon House, está presente apenas na edição em CD lançada pela Dojo, na Europa, e pela Griffin, no Canadá. Todas estão fora de catálogo, mas valem o garimpo. Como também é sensacional o vinil original inglês, em que a capa de desdobra em quatro no formato de um escudo.

A data acima é a do lançamento. On Parole foi gravado em 1976 no pequeno estúdio Rockfield, de Dave Edmunds, quase uma instituição britânica. Deveria ser o primeiro LP de uma das melhores bandas do mundo: Motorhead. Quis a história (ou quis a Liberty Records) que essa gema do hard rock fosse engavetada e o contrato rescindido. Aqui está a regravação da música que dá nome ao power-trio, dessa vez mais pesada, desafiando o termo "visceral". Ainda não é o peso que seria associado ao Motorhead. A voz de Lemmy lembra a de sua fase no Hawkwind. E mais: Larry Wallis, outro ex-Pink Fairies, era o guitar-hero desse início de trabalho, e contribuiu com ótimos vocais, especialmente em suas composições brilhantes.

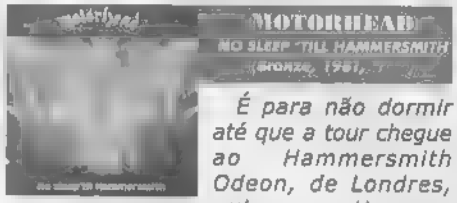
Após relativo sucesso de Motorhead em 77, a famosa Lemmy/Eddie/Philthy do power-trio assinou com a Bronze Records, casa do Uriah Heep, e produziu uma série de álbuns arrasa-quarteirão a começar por este, talvez o melhor disco de estúdio da história da banda. A produção de Jimmy Miller é um primor. Ele é importantíssimo, e mais famoso por seu trabalho com os Stones e Traffic. Nas letras, quase-genialidade e muita safadeza. As performances instrumentais e vocais mostram as marcas registradas que seriam desses músicos para sempre. Não há muito o que citar aqui: cada faixa é indispensável.



Aqui também é difícil destacar uma música. Todas lhe pegam de uma forma ou de outra, em um dia ou outro. Este é o segundo, e último, a contar com a produção de Miller. Fica a sugestão de leitura: o livro Bomber do autor inglês Len Deighton, que serviu de inspiração para a faixa título deste álbum colossal.



Como eles dizem lá, "this is it". Se o termo "clássico" já é tão desgastado a ponto de poder hoje ser usado até de forma pejorativa (imagine então depois dessa onda "classic rock"), o que dizer de Ace of Spades? "Clássico" não serve! É pouco! É quase xingar.



É para não dormir até que a tour chegue ao Hammersmith Odeon, de Londres, vulgo Hammy, considerado um lar para bandas de rock de alto calibre na época. Mas este, o primeiro álbum ao vivo lançado pelo Motorhead foi gravado em Leeds e Newcastle, mais ao norte. Como no anterior, produção de Vic Maile. No palco, eles sempre foram mais rápidos e violentos que em estúdio. Cada segundo é mágico em No Sleep, o LP de uma vida inteira.

Agora o Motorhead, além de power-trio, ganhou ares de "supergrupo", denominação dada àquelas bandas formadas pela reunião de figuras já ilustres em outros trabalhos. Com a entrada de Brian "Robbo" Robertson, o conhecido e muito criativo ex-guitarrista do Thin Lizzy, a cara e, mais importante, o som da banda tiveram mudanças. As composições transbordam inspiração e originalidade; Lemmy mostra, além de uma bela desenvoltura como intérprete nas idéias menos brutas, trejeitos vocais à moda de Elvis e Eddie Cochran (em trechos de "Shine" e "Tales of Glory"). Another não foi compreendido por boa parte dos fãs. Talvez até tenha faltado jogo de cintura a Lemmy. Não, um guitarrista desses não se dispensa. Mesmo que ele use uns shortinhos ridículos no palco, como Robbo andou se apresentando, causando a ira dos fãs e risos dos detratores. Mas, que riffs! Que solos! Lamentações à parte, Another Perfect Day seria o único disco do Motor com Brian Robertson.

* **Ricardo Alpendre** *é cantor e jornalista de rock. Tem dois CDs lançados com o Tomada, banda em que atua desde 2001.*

Heavy Metal é a Lei

Os Tempos Pesados de Renegade e Thunder And Lightning

da tempestuosa carreira do grupo

banda.

Queda na Popularidade

Gary Moore

mais pop e mercadológico com o advento da MTV (na América).

um sintetizador ao invés de um outro guitar hero.

idéia, por mais absurda que ela possa parecer, já que uma das principais características da banda sempre foi os duetos de guitarras

Apesar de muito bate boca, Phil Lynott chegou a contratar um tecladista fixo a partir de 1980, Darren Wharton, na época com apenas 17 anos de idade. Difícil mesmo foi acertar um substituto para Gary. Midge Ure (Ultravox) e Dave Flett (Manfred Mann) chegaram a fazer shows com o Lizzy, mas quem acabou assumindo o posto foi o guitarrista e "session-man" Snowy White, que já havia trabalhado com o Pink Floyd, Peter Green, Cliff Richard, Al Stewart e muitos outros. Apesar de grande músico, White não tinha nada a ver com o som mais pesado do Thin Lizzy. Brian Downey, Scott Gorham e principalmente Phil Lynott faziam de tudo para manter o grupo no topo, mas estava difícil.

Com o lançamento de *Chinatown*, em outubro de 1980, o Thin Lizzy experimentava o amargo sabor da indiferença, que vinha sempre em doses cavalares, tanto da crítica como do público. Má sorte aliada a uma eterna má reputação (Bad Reputation). O peso de todas essas circunstâncias parecia pesar como nunca nos ombros de Lynott, que por sua vez estava mais animado com a repercussão de seu primeiro álbum solo, *Solo In Soho* (lançado no início daquele mesmo ano), do que com os trabalhos do Lizzy.

No ano seguinte (1981), a banda conquistava a sua pior posição nas paradas britânicas e irlandesas, a de número 53ª, com o single "Trouble Boys", uma faixa nem um pouco inspirada, recheada de novas manias, mais dançante e menos roqueira.

Com a popularidade em baixa, Lynott ainda é preso portando uma grande quantidade de cocaína. Precisou bancar uma bela grana para não ir em cana e o seu 32º aniversário ficou marcado por esse triste e nem um pouco agradável acontecimento.

Renegados do Rock

Começam então a trabalhar no novo álbum de estúdio que seria batizado de *Angel Of Death*, nome também da faixa de abertura do disco, um longo [illegible] baseado nas profecias de Nostradamus.

Chegando às prateleiras em novembro de 1981, o novo álbum do Lizzy vinha com o nome de *Renegade*. O título original (Angel Of Death) foi mudado no último instante por insistência do guitarrista Scott Gorham que achava o nome pesado e baixo astral demais.

Renegade foi mal nas paradas e [illegible] criticado pelos jornalistas da época. Todos alegavam que os teclados de Wharton e a produção mais "modernosa" tinham varrido para longe a habitual energia e força das antigas composições da banda.

Tudo bem que "No One Told Him", "Fats" (inspirada em Fats Domino e trazendo Phil arrepiando um baixo sem trastes, além de vocais que deixariam o Tom Waits com inveja!), "Renegade" e "Mexican Blood" não eram as coisas mais pesadas e maravilhosas do mundo, mas eram canções honestas e muito bem executadas. Por outro lado, o boogie a la ZZ Top (a banda preferida de Phil Lynott) de "Leave This Town", as guitarras dobradas de "The Pressure Will Blow" e a levada punk de "Hollywood (Down On Your Luck)" emocionavam até o mais cético seguidor do Lizzy.

O fim daquele ano ficou marcado por shows pela Inglaterra, País de Gales e Escócia, sendo que as quatro apresentações seguidas no Hammersmith Odeon foram lendárias.

Virando o ano, o azar e as más vibrações pareciam rondar cada vez mais os passos do Thin Lizzy, então Phil se manda por uma semana e participa de um show beneficiente da Unicef, no Savoy Theatre, em New York, ao lado de Rick Derringer e Charlie Daniels.

A tour continua [illegible], onde o baterista Brian Downey arruma muita confusão numa boate e leva uma surra dos seguranças. [illegible] a retornar à Inglaterra para cuidar dos ferimentos [illegible] Mike Mesbur (que tocava na banda de abertura do Lizzy, [illegible] Tim Koolaikes) assume o posto nos próximos shows pela Escandinávia (revezando com Mark Nauseef, baterista que havia substituído Downey na tour australiana de 1978). Mas o pior momento ainda estava por vir. [illegible] em Portugal, onde tocariam pela primeira vez, Scott Gorham não passava nada bem e logo após os shows de Lisboa e Cidade do Porto sofre um colapso nervoso, tendo que ser levado às pressas para a Inglaterra, afastando-se dos palcos por alguns meses. O drama aumenta ainda mais pelo fato de que no dia seguinte a banda tinha show marcado para o estádio do Real Madrid, na Espanha, com todos os ingressos vendidos antecipadamente.

O jeito que Phil arrumou foi se apresentar como um quarteto, somente com a guitarra de Snowy White. Conseguiram segurar a onda por mais quatro shows até o restante da tour ser cancelado, remarcado e cumprido posteriormente, já com Gorham parcialmente recuperado

Nesse verão de 1982, a banda já começa a arquitetar o seu fim. Gorham já não agüentava mais as longas tours e estava muito mal de saúde. As vendas não iam bem e tanto o guitarrista como Lynott estavam afundados nas drogas pesadas. Os fatos faziam crer que lá em cima alguém não ia muito com a cara de Phil Lynott.

Ele e sua mãe tinham se aventurado no ramo hoteleiro e mantinham o Asgard Hotel em Dublin. Nessa época, um incêndio misterioso devastou completamente o prédio, trazendo um imenso prejuízo para a família Lynott.

No meio da imensa crise, o pior para Lynott seria ficar em casa aguardando a recuperação de Gorham. O baixista e vocalista do Lizzy chamou então alguns amigos músicos (Robbie Brennan, Trevor Knight, Darren Wharton, Jerome Rimson e Guy Isodore) e formou a PHILIP LYNOTT AND THE SOUL BAND, que excursionou pela Irlanda por dois meses. Nessa tour, Phil tocou guitarra em todas as apresentações e contou também em algumas ocasiões com a presença do amigo Jimmy Bain (ex-baixista do Rainbow)

"Rato dos palcos", Lynott faz ainda jams com Rory Gallagher no Punchetown Festival e uma especial ao lado do Lemmy Kilmister e Brian Robertson (que na época estava no Motorhead) em Varberg, Suécia. Tocaram nessa ocasião "Are You Ready" e "Baby Drives Me Crazy".

Esses shows paralelos com a Soul Band e o lançamento de seu segundo álbum solo (*The Philip Lynott Album*) pareciam cada vez mais distanciar Phil do Thin Lizzy

Sem destino

Completamente endividada (em mais de 300.000 libras), a banda irlandesa parecia não ter mais para onde ir naquele final de 1982. Snowy White faz seu último show ao lado deles e para Scott Gorham era um verdadeiro martírio ter que subir ao palco todas as noites. Todos queriam o fim da banda. Até o próprio Lynott chegou a confessar para um de seus empresários que estava com vontade de deixar o grupo e partir para um novo projeto. O problema era: como partir para esse novo projeto estando completamente falido? Lynott estava cada vez mais acabado pelas drogas e o futuro se mostrava nada promissor, até que o empresário sugere um novo álbum de estúdio e mais uma tour de despedida para que a banda encerrasse as atividades sem ficar devendo nada para ninguém.

O jeito seria apostar tudo no novo trabalho de estúdio e em um novo guitarrista.

O Thin Lizzy vinha com a promessa de voltar a apostar no som pesado para concorrer com a nova geração do metal inglês (NWOBHM) e tentar abocanhar uma fatia daquele bolo. Bandas como o Def Leppard, Saxon e Iron Maiden eram sucesso na América, e se o Lizzy fosse nessa mesma onda, talvez eles tivessem uma última chance

Um desolado Phil Lynott faz uma visita ao co-produtor do Lizzy (no *Renegade*), Chris Tsangarides, em um estúdio de Dublin, e lá conhece um jovem guitarrista chamado John Sykes O rapaz tinha passado pela banda Tygers Of Pang Tang e por pouco não substituiu o falecido Randy Rhoads na banda de Ozzy Osbourne.

Sykes estava gravando um single com o nome de "Please Don't Leave Me" e convidou Phil para cantar na canção. Phil, animado com o vigor e com a técnica do garoto, não só participa como traz Brian Downey e Darren Wharton para as gravações.

Não demorou muito para Phil perceber que aquele garoto era o músico ideal para assumir o posto de guitarrista do Lizzy. O convite foi feito e Sykes aceitou imediatamente. Aliás, é bom comentar que John Sykes considera, até hoje, sua passagem pelo Thin Lizzy como o ponto mais alto de sua carreira.

Finalmente Lynott achava o guitar hero ideal para sua banda e sentia novamente o tesão de gravar mais um álbum e cair na estrada.

Novo gás

Muito material novo já tinha sido composto por Lynott e Wharton como "This Is The One", a baladaça "The Sun Goes Down", "Heart Attack" e "Someday She Is Going To Hit Back".

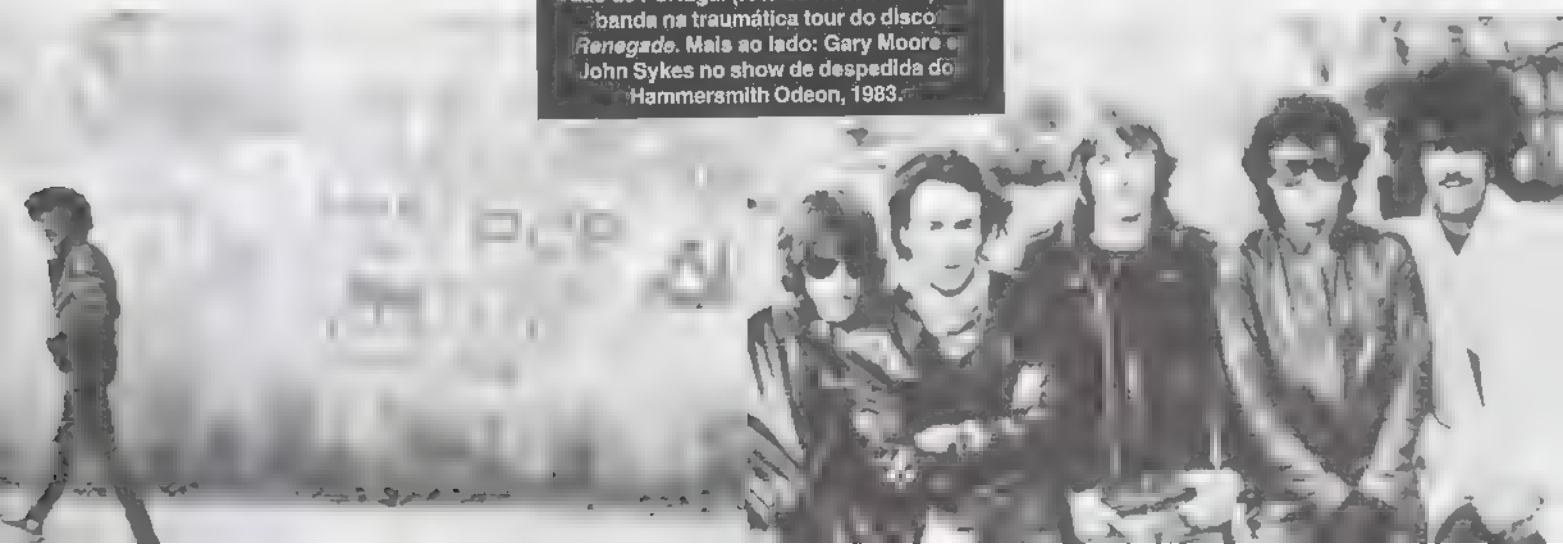
Ao lado de Wharton, Sykes formava a facção jovem e vigorosa do novo Lizzy e isso ficou claro em "Cold Sweat", a contribuição de Sykes para o novo álbum. A faixa título "Thunder And Lightning" era uma paulada nunca ouvida antes pelos fãs de Lynott. Algo como se o Thin Lizzy tivesse se juntado ao Motorhead, para o delírio dos headbangers da época. Sykes e sua guitarra traziam o Lizzy para a nova geração do Metal e fazia com a banda, o mesmo que Vivian Campbell fez com a banda de Dio e Randy Rhoads fez com Ozzy. Mostrou novas possibilidades melódicas e modernizou o público desses antigos ídolos

Temas fortes como "Holy War" e "Baby Please Don't Go" marcam também essa clássica despedida da banda dos estúdios.

Thunder and Lightning soa até hoje pesado, denso e angustiante, puro reflexo da fase vivida pela banda. Rebeldia adolescente, angústias pessoais, amores mal resolvidos, morte e depressão eram os temas principais desse derradeiro álbum que foi gravado no estúdio de Pete Townshend, o Boathouse Studios, em Londres. Lynott e Townshend se tornaram grandes amigos na época. (Townshend ficou tão abalado com a morte de Lynott em 1986, que confessou para o guitarrista Scott Gorham que sentira mais a perda de Phil do que a de Keith Moon!)

Lançado em março de 1983. *Thunder And Lightning* levou a banda ao quarto posto das paradas inglesas, lugar de prestígio que o Lizzy não atingia desde 1979, com o lançamento de *Black Rose*! A tour de despedida prometia para o próximo verão e parecia mesmo que os dias de glória estavam de volta...

Acima: Phil Lynott e John Sykes, uma combinação perfeita. Abaixo: Lynott nas ruas de Portugal (foto de Ross Halfin) e a banda na traumática tour do disco *Renegade*. Mais ao lado: Gary Moore e John Sykes no show de despedida do Hammersmith Odeon, 1983.



Baby Please Don't Go!

A tour de despedida, os últimos shows e o fim que ninguém queria...

Com o sucesso do disco *Thunder and Lightning*, Phil e o resto da banda divulgaram na imprensa que aquela seria mesmo a última tour do Thin Lizzy. Tudo muito bem planejado pelo empresário dos rapazes, que visava nada além do que muito dinheiro com esse papo de despedida. Phil estava empolgado com Sykes, com o novo álbum e com o Thin Lizzy na boca da garotada novamente. Alguns amigos mais chegados de Lynott garantem que ele não queria acabar com a banda naquela época, porém, com as dívidas e as pressões, tanto dos empresários, como de Scott Gorham (que não agüentava mais as tours), o fim foi inevitável.

A estratégica tour de despedida parecia mesmo despertar os roqueiros, principalmente na Europa. Quando os shows eram anunciados os ingressos se esgotavam em questão de algumas horas e as vendas de Thunder And Lightning também não paravam de subir.

Os dois primeiros shows foram gravados pela TV britânica. A estréia fenomenal no Regal Theatre, na cidade de Hitchin, foi exibido pelo programa da BBC, Sight and Sound In Concert. Depois participam de outro famoso programa roqueiro da época, o The Tube, gravado em Newcastle. Ambos mostravam que aquela era mesmo a formação mais consistente e redonda do Lizzy em muitos anos. O repertório do novo álbum funcionava maravilhosamente bem ao vivo e Lynott parecia confiante e empolgado novamente.

Em março de 1983, tendo o Mama's Boys como banda de abertura, o Thin Lizzy realiza uma grande tour por toda a Inglaterra. Shows vibrantes e muita loucura tanto por parte da banda como por parte do público. Em Oxford, o tecladista Darren Wharton desmaia em pleno palco e a banda sai de cena sem fazer o encore.

Mas a maior emoção da tour estava guardada para os quatro shows no famoso Hammersmith Odeon, palco de muitos outros concertos históricos do Thin Lizzy. Tais shows seriam gravados e lançados como um disco duplo ao vivo, o lançamento derradeiro do grupo.

Para o último show no Hammersmith, todos os guitarristas que passaram pela banda (menos Snowy White) participam do emocionante espetáculo.

Para todos que estão mal de saúde, sejam bem vindos!

Phil Lynott no disco Life

ARE YOU READY TO ROCK?

O último registro ao vivo e o emocionante encontro de todos os guitarristas que passaram pelo Thin Lizzy

O empresário Chris Morrison teve a idéia de juntar num único concerto, todos os guitarristas que tinham passado pelo Thin Lizzy. A banda sempre foi famosa pelo seu exímio trabalho de guitarras, então nenhuma outra idéia seria mais apropriada.

O local escolhido foi o lendário Hammersmith Odeon, famoso teatro londrino onde todas as bandas de Rock da Ilha faziam suas apresentações mais bombásticas. Com o intuito de registrar toda essa festa de despedida, Morrison e Lynott contrataram as melhores empresas de gravação e montaram um arsenal tecnológico no local, registrando as quatro datas, 09, 10, 11 e 12 de março de 1983.

As participações aconteceram no último dia. Brian Robertson, Gary Moore e Eric Bell se juntaram a John Sykes e Scott Gorham para executar músicas como "Emerald", "Black Rose", "Still In Love With You", "Whisky In The Jar" e "The Rocker".

Quem não apareceu foi o guitarrista Snowy White, que segundo algumas fontes, sequer chegou a ser convidado.

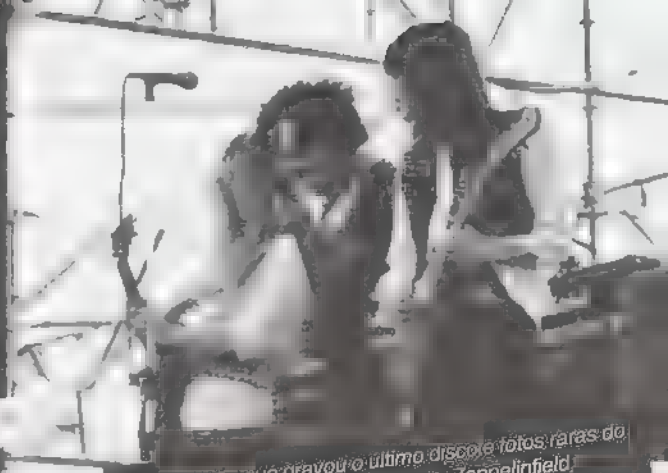
Muitos fãs costumam afirmar que o duplo ao vivo *Life* peca em dois aspectos. Primeiro na mixagem que deixou muito a desejar. O outro ao vivo do Lizzy, *Live And Dangerous*, lançado cinco anos antes, tinha o som bem melhor. E segundo, que o disco só foi lançado no final daquele ano, oito meses depois dos shows do Hammersmith, o que foi um grande balde de água fria nos fãs mais exaltados. Com o fim da banda antes do lançamento, *Life* ficou com gosto de "requentado", afinal de contas o famoso "momento de despedida" já tinha passado.

Mas nada disso tira o brilho e a importância de *Life* na discografia do Lizzy. Todas as faixas são um arraso, bem mais energéticas e pesadas do que as versões de estúdio. Temas então mais recentes como "Holy War", "Baby Please Don't Go", "Cold Sweat" e "Thunder and Lightning" estão de arrepiar, assim como as versões para "Renegade" (essa registrada em 1981, com Snowy White na guitarra) e "Angel Of Death". Outros pontos altos são a versão bluesy de "Don't Believe a Word" (como ela aparecia originalmente no disco *Back on The Streets*, de Gary Moore), a galera participando de "Killer on The Loose" e a pauleira de "Are You Ready".

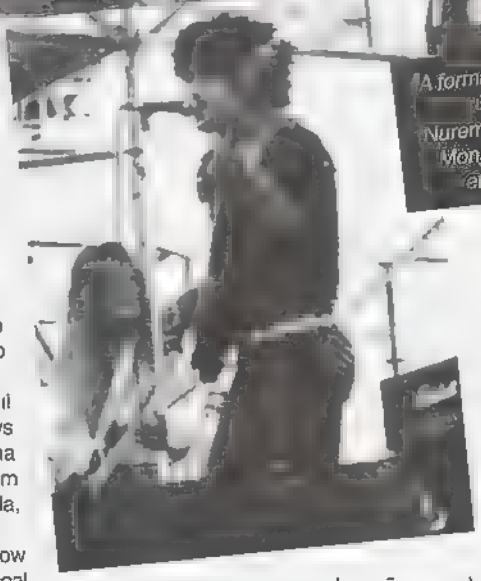
O quarto lado do LP ficou reservado para a Jam do Hammersmith, com exceção de "Still In Love With You", que aparece na verdade com o solo de John Sykes, numa versão gravada no último show do Lizzy em Dublin, Irlanda.

Lynott acabou deixando a versão do Hammersmith, com Gary Moore na guitarra, para o Lado B do single "Thunder And Lightning". O próprio Lynott declarou para um jornalista sueco na época: "Escutamos todas as fitas daquela tour e me deparei com o show de Dublin. Lá é a minha terra e quando eu disse adeus para Dublin através de "Still In Love With You", isso foi muito emocionante para mim. Essa versão tem mais feeling do que qualquer outra, tem mais emoção. Phil tinha razão, essa versão é muito especial e cheia de dor.

Especial também é a faixa que encerra Life, "The Rocker". Cinco guitarras tocando ao mesmo tempo. Um orgasmo guitarrístico daqueles.



A formação que gravou o último disco e fotos raras do último show do Thin Lizzy no Zeppelinfield, Nuremberg, noite de 04 de setembro de 1983, durante o Monster of Rock alemão. Mais abaixo: o último show em solo inglês, o Reading Rock Festival, de 1983.



Os Frágeis Heróis do Rock Pesado

Depois do furor causado pelas datas no Hammersmith, o Thin Lizzy seguiu em sua tour inglesa às vésperas de sua despedida pela Irlanda.

Sempre tratados como heróis em sua terra natal, os shows foram ainda mais emocionantes e dramáticos. Em sua última apresentação local, realizada no Royal Dublin Society, em Dublin, Lynott arremessou seu baixo contra o chão e saiu do palco em prantos.

Abalado e completamente arrasado emocionalmente, Phil aumenta cada vez mais o uso de heroína e os próximos shows pela Alemanha precisam ser cancelados. Depois de uma pequena pausa o Thin Lizzy passa por um grande susto. Um acidente rodoviário na Suécia, envolvendo o ônibus da banda, quase acaba com tudo.

Mesmo apavorados seguem em frente e fazem um grande show no Johanneshovs Isstadion de Estocolmo, contando com o pessoal do Scorpions na platéia. Os alemães estavam de folga e foram conferir o show do Lizzy!

Em maio, a tour passou pelo Japão e teve o nome de "At Last Sayonara Tour". Loucura por parte dos fãs nipônicos que se despediriam da banda em grande estilo, não fosse o estado deplorável de Lynott e Gorham no show do The Sun Plaza, em Tóquio. O baixista e o guitarrista não conseguiram arrumar heroína no Japão e sofreram uma espécie de crise de abstinência em pleno palco, como relembrou Scott Gorham em uma entrevista para a revista inglesa Mojo: "Mesmo estando em um estado lamentável, nós continuamos na estrada. Lembro de estar tocando 'Still In Love With You', no show de Tóquio, e no meio da música, tanto eu como Phil começamos a ter uma crise e ficamos com alguns músculos paralisados. Eu imediatamente olhei para Phil e ele ficou me olhando com os olhos cheios de lágrimas. Ele piscou e as lágrimas começaram a cair...Quando eu vi Phil Lynott, o Mike Tyson do Rock N' Roll reduzido àquilo, eu saquei que as coisas não poderiam continuar .."

Os Três Mosqueteiros

Depois da tour pelo Japão, a banda dana uma pausa até o fim de agosto, quando participaram do Reading Festival, esse o último show na Inglaterra. Nesse meio tempo, Lynott recebeu uma proposta de mais uma tour pela Suécia, um dos países onde a banda tinha os fãs mais ardorosos. Seria uma tour pelos parques de diversão (uma tradição do verão sueco), batizada de "Folk Park Tour".

Scott Gorham negou veementemente tal excursão, o que não abalou nem um pouco Lynott, que se mandou para a tour ao lado de Brian Downey e John Sykes, além de mais alguns amigos como Mark Stainway nos teclados e Doish Nagle na guitarra. Batizaram a banda de The Three Musketeers e se divertiram bastante.

Bem no meio desse papo de despedida, o líder do Lizzy não dispensou a possibilidade de passar a maior parte do tempo na estrada. A música era a coisa mais preciosa de sua vida.

A idéia era enfatizar seu repertório solo e também alguns clássicos do Lizzy. John Sykes teve apenas dois dias para aprender o novo repertório e realizou um sonho: tocar "Parisienne Walkways" ao lado de Lynott. A música, que foi lançada no disco *Back On The Streets*, de Gary Moore, foi um imenso sucesso em 1978. Sempre foi uma das preferidas de Sykes, que quis executá-la ao vivo desde sua entrada no grupo, porém o Thin Lizzy não a tocava, pois Scott Gorham simplesmente odiava tal canção.

Para Lynott, a tour dos Three Musketeers foi até mais divertida do que a do *Thunder And Lightning*. Além de tocar somente o que ele realmente estava a fim, a pressão era bem menor, o que permitia até fatos incabíveis nos shows do Lizzy, como Brian Downey usar uma bateria eletrônica. (Um registro dessa tour é o álbum *Live In Sweden 83*, lançado pela gravadora Zoom Club Records, em 2002, creditando a banda como Thin Lizzy's Phil Lynott)

Phil batizou o grande show do Reading Festival como 'The Big One'. Nessa ocasião o Lizzy foi a banda principal de uma das três noites (na outra noite, o Black Sabbath fez uma grande apresentação com Ian Gillan nos vocais). Também tocaram o Ten Years After, Steve Harley e Climax Blues Band. (Esse show do Thin Lizzy foi lançado oficialmente anos depois, com o nome de *BBC Radio One Live In Concert*)

Já em setembro o Thin Lizzy partiu para os três últimos shows de sua carreira no Monsters Of Rock Alemão. Em Dortmund dividiram o palco com Whitesnake, Saxon, Krokus e Survivor. No show do VFR Stadium, em Kaiserslautem, Brian Downey e Scott Gorham se atrasaram tanto que quase não chegaram a tempo de realizar a apresentação. A ordem do Lizzy no 'cast' foi alterada para que o show não precisasse ser cancelado. Nessa ocasião também tocaram o Whitesnake, Meatloaf e o Motorhead, que contava então com Brian Robertson na guitarra.

Cerca de 35.000 pessoas conferiram o derradeiro show do Lizzy, que aconteceu no Zeppelinfield de Nuremberg, no dia 04 de setembro, uma das apresentações mais emocionantes da história do grupo.

ELE ESTAVA LÁ

***Toninho Pirani**, editor da Rock Brigade, esteve presente no último show do Thin Lizzy na Inglaterra. Foi no Reading Festival de 1983, onde o grupo fazia seu derradeiro concerto em solo britânico.*

"Fiquei acampado com alguns amigos ingleses e assisti todos os dias do festival. O Thin Lizzy encerrou a última noite, um domingo. Eu assisti o show de longe, pois como era o último show do Reading, e eu estava de carona, meu amigos queriam sair antes do povão para evitar o trânsito. Mesmo assim foi um show inesquecível, com o som perfeito. O John Sykes corria de um lado para outro do palco com aquela cabeleira loura e as guitarras estavam afiadas. O Thin Lizzy encerrou a carreira por lima. Eles estavam atravessando uma fase em que eram endeusados pelos ingleses. Tem gente que fala que o Thunder And Lightning é um disco mais fraco, mas eu discordo. A comoção era total. Um verdadeiro êxtase coletivo."

The Rocker

Drogas, má companía, novos projetos e o fim trágico. Phillip Lynott é o maior herói do Rock Irlandês

Imagine como deveria ser o líder da banda mais briguenta do Rock n' Roll.

Phil Lynott foi o líder do Thin Lizzy assim como poderia ter sido líder de qualquer gangue juvenil ao redor do mundo.

O legado de Lynott é muito maior do que apenas um punhado de boas canções. Sua voz peculiar, o inacreditável carisma, seus poemas, a competência musical e sua dor levam a gente a crer que esse era "O" cara.

Phil era um "rocker" em todos os sentidos.

Sem sombra de dúvida, uma parte de Phil Lynott morreu junto com o Thin Lizzy. Com o encerramento das atividades da banda, Phil voltou para a Irlanda e seu casamento ia por água abaixo. Sua esposa se afastou levando consigo as duas filhas do casal. Ela queria manter as crianças o mais longe possível da vida desregrada do pai.

Mesmo com todos esses dramas pessoais, o baixista ainda arrumou tempo para produzir uma faixa de uma banda punk (The Resistors), convocou Sykes para um novo projeto e montou dois novos grupos.

Um era o The Rockers, ao lado de Roy Wood (ex-The Move) e John Coghlan (ex-batera do Status Quo). Lançaram apenas um single pela CBS, com as músicas "We Are The Boys (Who Make All The Noise)" e "Rockin' On Stage".

A outra tentativa foi formar um grupo (sem nome oficial) ao lado de Brian Robertson e Philly "Animal" Taylor, do Motorhead. Chegaram a fazer alguns ensaios, mas nenhum registro foi gravado.

O único que aturava o estilo junkie de Phil sem se incomodar era John Sykes. A amizade dos dois era tanta que o guitarrista se mudou para a casa de Lynott. Compunham juntos e se divertiam bastante até que David Coverdale "exigiu" a presença de Sykes no Whitesnake. Depois de muitas ofertas "formais" (todas recusadas), o ex-vocalista do Deep Purple ofereceu uma quantia absurda de grana para ter o guitarrista na sua banda. Sykes acabou cedendo e se mandou da casa de Lynott.

No momento em que mais precisava de alguém, o agora ex-baixista do Thin Lizzy estava completamente só e arrasado pela debandada de Sykes.

Uma boa expectativa surge para Lynott com a formação de sua nova banda, o Grand Slam, que contava com mais um jovem guitar hero, Laurence Archer (ex-Wild Horses e Stampede). A banda chegou a contar com Brian Downey na bateria, mas não por muito tempo, já que ele abandonou o grupo a apenas três dias da estréia nos palcos irlandeses. Downey chegou a gravar algumas demos bancadas por Lynott, que a todo custo tentava descolar um contrato de gravação. Com o pessimo estado físico e mental de Phil, ficava realmente difícil alguém apostar na sua nova banda. O jeito era cair na estrada e chamar a atenção diretamente do público, através do famoso boca-a-boca. Apesar da extensa tour, que durou até o fim daquele ano (1984), nada aconteceu e o Grand Slam foi obrigado a encerrar suas atividades em janeiro de 1985.

A mansão de Lynott era rodeada por traficantes, fãs penetras, groupies e gente da pesada. Nessa época comentava-se que o músico gastava cerca de 1.000 libras por semana com cocaína e heroína.

Phil precisava estar sempre rodeado de balões de oxigênio e inaladores, pois seus ataques de asma estavam cada vez mais constantes, e seu sistema respiratório e nervoso, completamente abalados pelas drogas.

Quem dá uma força é Gary Moore que convida Lynott para alguns shows e para a gravação de seu novo álbum, *Run For Cover*.

Gravaram juntos "Out In The Fields", "Military Man", "Nothing To Loose" e uma nova versão para "Still In Love With You", que saiu como lado B do single de "Out In The Fields". De volta à mídia, Phil tenta mais uma vez, lançando um single solo, *Nineteen*. A música, apesar de poderosa e agressiva, flertava demais com as batidas eletrônicas e não agradou muito o público. Acontece ainda uma bem sucedida viagem para a América com o intuito de se conceber um promo vídeo para a faixa "Nineteen".

Em São Francisco, Phil faz algumas sessões de estúdio ao lado dos amigos do Huey Lewis and The News, pensando em um possível terceiro álbum solo, que, no entanto, nunca vira a ser gravado. O retorno do Thin Lizzy também era comentado, já que Phil avisara aos amigos mais chegados que voltaria com a banda no ano seguinte (até Brian Downey já tinha topado tal volta).

De volta a Londres na manhã do dia de Natal, Lynott foi encontrado inconsciente por sua mãe, sendo levado para uma clínica de reabilitação a alguns quilômetros de onde se encontravam. Durante a viagem o estado de Phil piorou bastante chegando na clínica já em estado de semi-coma, sendo transferido imediatamente para a enfermaria do Salisbury Hospital.

Phil permaneceu em coma por 11 dias vindo a falecer no dia 04 de janeiro de 1986, aos 36 anos de idade. A autopsia revelou falência múltipla dos órgãos e uma infecção generalizada. O sangue de Lynott estava literalmente envenenado. O abuso das drogas pesadas por muitos anos derrubou o músico de forma fatal.

Um fim de semana em homenagem a Phil Lynott

Por Fabio Fisciletti

Finalmente Phil Lynott recebeu uma homenagem à altura do seu talento e importância para o rock irlandês, como um dos maiores e melhores "rockers" de todos os tempos. A inauguração de sua estátua em 19 de agosto deste ano, seguido de um show tributo, representaram um fim de semana emocionante para todos os fãs do Thin Lizzy e das excelentes músicas que Philip compôs ao longo de sua carreira.

A ESTÁTUA

Sexta-feira, 19 de agosto de 2005. Um dia especial para a história do rock'n'roll. Por volta das sete da noite foi inaugurada a estátua de Philip Parris Lynott, no centro de Dublin, Irlanda, no cruzamento entre a Grafton e a Harry Street. Cantor, baixista, compositor e poeta, Phil Lynott foi o mais representativo e talentoso ídolo do rock irlandês, embora fosse natural de Birmingham, na Inglaterra, onde sua mãe trabalhava.

O monumento de bronze em tamanho real foi erguido após uma campanha que durou cinco anos para a obtenção de fundos, organizada pela Roisin Dubh, a fundação dirigida por Philomena Lynott, mãe de Philip.

Após o discurso da prefeita de Dublin, Catherine Byrne, finalmente a estátua foi revelada por Philomena. Compareceram à cerimônia os ex-membros do Thin Lizzy Brian Downey, Eric Bell, Scott Gorham, Brian Robertson, Gary Moore e Darren Wharton. Dos ex-integrantes oficiais da banda, apenas John Sykes e Snowy White não estavam presentes.

Outras pessoas envolvidas na vida e na obra de Philip também participaram da homenagem, como suas filhas Cathleen e Sarah, Jim Fitzpatrick (que desenhou várias capas de álbuns do Lizzy), Chris Tsangarides (que produziu os álbuns *Renegade* e *Thunder and Lightning*, do Lizzy, além de muitos outros artistas), Brush Shiels, ex-líder do Skid Row, amigo de Philip e responsável por ensiná-lo a tocar baixo, e Smiley Bolger, organizador da Vibe for Philo, tributo anual a Philip Lynott, também na Irlanda.

O SHOW TRIBUTO – "THE BOY IS BACK IN TOWN"

No dia seguinte foi realizado o show "Tributo à Vida e a Música de Philip Lynott", tendo como palco o Point Depot, também em Dublin. Várias bandas de abertura se apresentaram, como o Dare, banda solo de Darren Wharton. Outro ponto alto foi a presença de Brush Shiels cantando "Old Pal", uma homenagem a Philip escrita pouco após a sua morte. Philomena Lynott subiu no palco e puxou o coro de "Parabéns pra Você". Afinal, Philip faria 56 anos nesse dia.

Em seguida surgiu a atração principal: Gary Moore na guitarra, Brian Downey na bateria e Jonathan Noyce (ex-Jethro Tull) no baixo. Ao invés de abrir o espetáculo com algum clássico do Thin Lizzy, o trio atacou com "Walking by Myself", uma cover de Jimmy Rogers que está no álbum *Still Got the Blues* (1990) de Gary Moore que, desde então, a toca em seus shows.

Depois disso, surgiu, enfim, uma música de Philip, "Jailbreak", logo emendada com "Don't Believe a Word" (essa última na versão lenta e rápida). Brian Robertson subiu ao palco para

"Emerald" e "Still in Love With You". Scott Gorham tocou em "Black Rose", "Cowboy Song" e "The Boys are Back in Town".

No bis, Eric Bell dividiu vocais com Gary e tocou "Whiskey in the Jar". E, finalmente, Gary estava novamente sozinho na guitarra em "Parisienne Walkways", após cantar um pequeno trecho de "Old Town". No meio da música, uma nota extensa, um pequeno solo com "Parabéns para Você", outro solo e fim de show. Isso sem a participação dos outros membros do Thin Lizzy!

Gary Moore fez memoráveis músicas ao lado de Philip Lynott, vide "Parisienne Walkways" e "Out in the Fields", sem contar as três passagens (duas oficiais) pelo Thin Lizzy, gravando um excelente álbum, *Black Rose*. Gary e Philip tiveram algumas brigas, é verdade, mas o fato é que eles sempre foram bons amigos desde a época do Skid Row, no fim dos anos 60. Mas nada justifica a postura egocêntrica de "dono da festa" que Gary Moore adotou nesse show. Com certeza, músicos como Brian Downey e Scott Gorham foram muito mais importantes do que Gary na gloriosa carreira do Thin Lizzy.

Em um show homenagem a Phil Lynott, compositor extremamente talentoso que deixou um legado de mais de uma centena de ótimas músicas, por que Moore tocou um blues que consta em seu show solo? Se a música fosse "Memory Pain" (cover de Percy Mayfield, que está no novo disco de Gary, *Power of the Blues*), até seria razoável, já que o próprio Thin Lizzy gravou essa música de forma brilhante em um single de 1981. Mas isso não aconteceu.

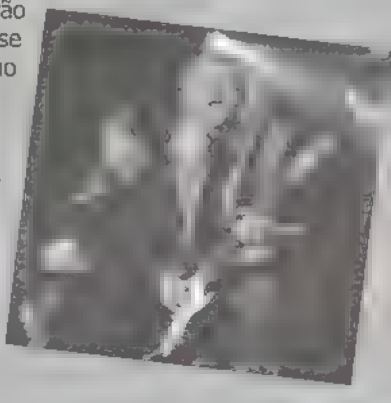
Portanto, no show a homenagem foi curta e faltaram muitas das grandes canções que Philip escreveu, tocou e cantou, além de uma maior presença dos demais guitarristas, sobretudo Scott e "Robbo", que representam o auge comercial e criativo da carreira do Thin Lizzy.

Resumindo, a estátua foi a mais bela, justa, emocionante e sincera homenagem possível, na "casa" dele, Dublin, tema da canção de mesmo nome ou de "Shades of a Blue Orphanage" (a música), só para citar alguns exemplos, a terra onde seu corpo descansa.

Quanto ao show, a audição de qualquer álbum do Thin Lizzy ou da pequena e injustiçada carreira solo de Philip, sempre será um tributo mais verdadeiro. A memória, a música e, agora, a estátua de Philip Lynott, permanecerão cada vez mais fortes, enquanto esse show logo será esquecido até mesmo pelos fãs da banda.

Fontes www.rocklegend.thin-lizzy.com
www.roisindubh.info

Agradecimentos especiais do editor to my Irish old-pal Alan Byrne, autor da biografia Soldier Of Fortune. Peter Nielsen (do site sueco www.thinlizzyguide.com), Fabio Fisciletti, Luiz Galvão por organizar há 10 anos a Thin Lizzy Sessions, (em Niterói, RJ) uma emocionante convenção anual em homenagem a banda de Phil Lynott. Rhades por alguns achados fotográficos e a todos os fãs do Thin Lizzy worldwide.



Rick Wakeman - Brasil '75

O conto fantástico que mostrou aos brasileiros que o rock poderia ser sinfônico

Depois [illegible] shows de Alice Cooper, pelo país, em março e abril de [illegible], muitos [illegible] principalmente [illegible] entre os promotores locais. Traffic, [illegible] Zeppelin, Black Sabbath [illegible] os Stones, todos estavam "praticamente confirmados" para as próximas temporadas. Agora, [illegible] se alguma dessas atrações realmente passou por aqui nos anos 70.

Foi somente em dezembro de 1974 [illegible] oito meses após o show de Alice Cooper, que um grande astro do rock mundial veio pintar no Brasil. [illegible] passagem histórica de Mr. Rick Wakeman por aqui. O tecladista voltaria ainda [illegible] vezes [illegible] dos anos seguintes, mas nada que [illegible] de suas avassaladoras e marcantes apresentações de 1975.

A Poeira Zine [illegible] mais uma vez o desafio e [illegible] nos arquivos musicais do Brasil [illegible] que eles existem [illegible] importante capítulo do rock no nosso país. Ah, e pode ter certeza que os seus pais não se lembram do show de Wakeman.

Em 1975, o Rock no Brasil era definitivamente o progressivo. Os Mutantes ainda reinavam com *Tudo Foi Feito Pelo Sol*, o Terço com suas *Cnaturas da Noite*, o Som Nosso de Cada Dia já havia lançado o seu álbum no ano anterior e continuava na estrada com uma nova formação. Isso sem contar o Terreno Baldio (que mesmo sem disco já fazia shows sensacionais), o Moto Perpétuo, etc.

Com o auge do Rock Progressivo no país nada parecia ser mais acertado do que uma excursão com um grande nome internacional do gênero. Certas línguas garantem que o Yes era a banda cotada pela poderosa "Organizações Globo" e o seu "Projeto Aquarius" para tal excursão, porém o grupo inglês (na época com Patrick Moraz nos teclados) acabou não fechando o contrato e a próxima e óbvia escolha acabou sendo Rick Wakeman, já que seus álbuns vendiam bastante por aqui. (A Globo encomendou uma pesquisa na época e foi constatado que o Brasil era o terceiro país do mundo que mais vendia discos de Wakeman)

Como sempre acontece no país, antes da excursão se concretizar, houve muita especulação por parte da imprensa. As revistas afirmavam que Wakeman estava muito mal de grana, praticamente falido e, por essas razões, tinha topado vir ao Brasil, já que no contrato ele levaria 50% da arrecadação dos ingressos além do cachê fixo, of course. Na verdade, os custos de suas faraônicas tours pelos EUA e Europa tinham sido gigantescos e a arrecadação desses shows acabou sendo inferior, deixando o músico no vermelho, ou seja gastando mais do que ganhando. Nesse interim a imprensa soltava que Wakeman tinha vendido dois de seus oito Rolls Royces e mais três outros carrões para quitar suas dívidas. E o que ainda garantia a estabilidade financeira do inglês eram as suas mais de dez empresas.

Com comentários desse naipe, uma grande expectativa passou a ser criada com a excursão marcada para o fim do ano. "Como Rick trataria todos nós, meros caipiras sul-americanos"? "Será que ele pisaria em quem viesse lhe pedir um autógrafo"? Ou ainda: "Um astro desse porte vai comer da nossa comida"? "Ele vai respirar o mesmo ar que respiramos?"

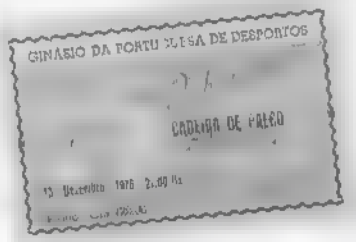
Tudo isso era bobagem e o pessoal começou a ficar mais tranqüilo quando chegou ao país a lista com as exigências do músico. O equipamento era de 22 toneladas e sua equipe consistia em 24 pessoas (hoje pode parecer bastante, mas basta lembrar que esse número foi a metade do pessoal trazido pelo Alice Cooper em 74, por exemplo) e as exigências se limitavam a um hotel com piscina e um time de futebol disponível para uma 'pelada' nas horas vagas. Nada muito complicado.

Chegando ao país Rick se mostrou simpático e brincalhão. Completamente à vontade o tempo todo. Em São Paulo, foi recepcionado junto de sua banda por um dos diretores da Odeon. Nas altas horas da madrugada e com a festa rolando a mil, Rick não agüentou o verão brasileiro: tirou a roupa, ficou só de cueca e mergulhou na piscina. Os outros músicos de sua banda seguiram os passos do líder e logo começaram a puxar todos os participantes da festa para a piscina.

Em São Paulo aconteceram três apresentações no ginásio da Portuguesa de Desportos, nos dias 13 e 14 de dezembro. No segundo dia, um domingo, uma matinê foi agendada as pressas devido à demanda do público jovem. Ao todo, cerca de 30.000 fãs paulistanos puderam conferir as peripécias sinfônicas de Wakeman, ao lado da English Rock Ensemble (sua banda), do maestro Isaac Karabitchevsky regendo a Orquestra Sinfônica Brasileira e do Coral da Universidade Gama Filho, do Rio de Janeiro. Aliás, esse coral foi bastante criticado por Carlinhos Gouvêa da Folha de SP que afirmou que o pessoal sempre 'entrava atrasado' nas músicas, parecendo estar completamente "fora de rotação". A iluminação do show também não era das melhores, e segundo o próprio jornalista da Folha não foram condizentes com a importância do espetáculo e com a grandeza da música de Wakeman. Já a qualidade do som foi bastante elogiada por todos. Alguns fãs mais ingênuos acreditaram na lorota de que o pesado cenário acabou sendo retido no aeroporto de Nova York. Os monstros infláveis, o lago, o gelo, as torres do castelo e os cavalos acabaram ficando de fora dos shows pelo país, ao contrário do que acontecia pelos palcos internacionais por onde Wakeman passava. Já pensou trazer tudo isso pra cá em pleno ano de 1975? Loucura...

Engraçado que o pessoal da época traduzia os títulos dos discos de Wakeman: *As Seis Esposas de Henrique VIII*, *Mitos e Lendas do Rei*

Abaixo: o ingresso do show de SP. (cortesia: Helton Barbuto)



Moby Dick

CD'S e DVD'S
Nacionais e Importados

Jazz - Rock - Blues
Progressivo

COMPRA - VENDA - TROCA

Atendemos Via Sedex

Rua 24 de Maio, 62 - 2º andar
Loja 364 - São Paulo - SP
Fone: 222-8517 - Fax: 3362-1912

HALLEY

especializada em
ROCK PROGRESSIVO e
HARD-PROG

Remetemos pelo correio para todo o Brasil em pacotes registrados e com seguro - Confiram em nossa Home Page a seção de promoções
Atendemos pela Internet
Atualizações semanais

www.halleydiscos.com.br
halley@halleydiscos.com.br

Tel/Fax: (21) 2551-1697
Rua Senador Vergueiro 218, Loja 15
Flamengo - Rio de Janeiro - RJ

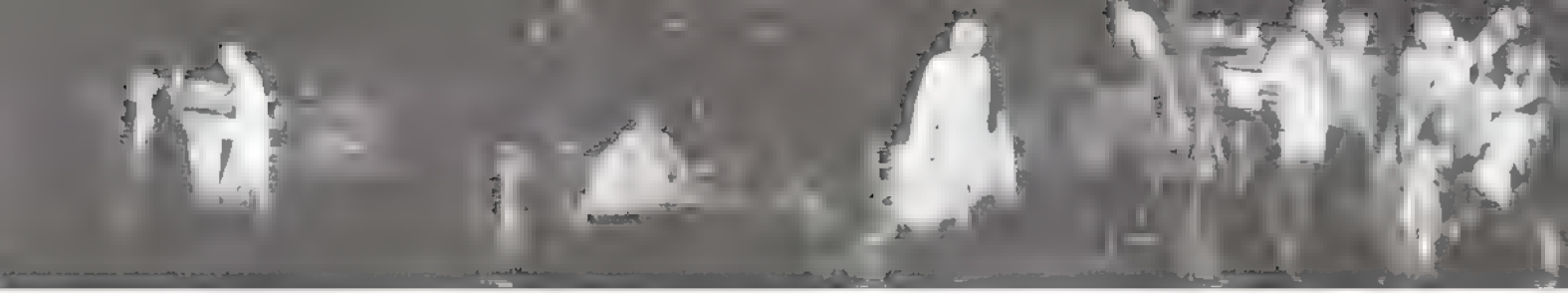
STAND UP
www.standup-music.com.br

Progressivo, Hard Rock,
Psicodélico, Jazz, 60's & 70's

Atendemos pelo correio para todo o país

Tel: (11) 3362-1561 / 8519-9107

Rua 24 de Maio, 62 - 2º andar - Loja 368
Cep:01041-000 - São Paulo - SP



Artur e os Cavaleiros da Távola Redonda e *Viagem ao Centro da Terra* foram a base do repertório dos shows que contaram ainda com a narração do ator Paulo Autran (não muito entusiasmado com o espetáculo), contando a história de Júlio Verne. Uma exigência do próprio Wakeman, que fizera questão de que todos os presentes entendessem o que estava se passando no palco.

Depois dos shows em São Paulo, o tecladista fez uma grandiosa apresentação no Gigantinho de Porto Alegre, no dia 18 (uma quinta-feira), e partiu para o Rio de Janeiro onde se apresentou nos dias 20 e 21, no Maracanãzinho. Esses shows no Rio foram os que contaram com a melhor qualidade sonora de toda a tour.

Na cidade maravilhosa, Wakeman se esbaldou e passou mal com o calor carioca. Depois de enfrentar uma maratona diária com muitos jornalistas desinformados, groupies afoitas, fotógrafos e empresários, o tecladista foi levado para a quadra da Mangueira, onde foi cercado por belas mulatas que chegaram até a rasgar a calça do inglês que se retirou da quadra exausto e ficou um bom tempo sentado nas arquibancadas!

Mais constrangimento ainda foi a lavada de 5 X 2 que o time de Wakeman levou do "Artistas Brasileiros F.C.", formado às pressas por Paulinho da Viola, Ivan Lins, Jair Rodrigues, Jorge Ben, Odair José, Francisco Cuoco, Mielle e Sérgio Chapelim. Wakeman dava desculpas falando que seu time nunca ganhava porque estavam constantemente bêbados! O campo do Fluminense ficou com as arquibancadas lotadas de gatinhas 'ouncadíssimas' (como era legal os 70s) para ver o músico britânico que precisou ser retirado do estádio com segurança redobrada, já que as garotas queriam a todo custo rasgar sua camiseta, no melhor estilo Beatlemania.

A 'febre Wakeman' assolava tão forte o país que a Revista Pop, destinada ao público jovem da época, trazia naquele mês um pôster em tamanho natural de Wakeman com sua capa cintilante de 10 quilos, além de uma entrevista exclusiva e uma biografia. Ao saber que a revista cobria minuciosamente todos os seu passos pelo país para um especial a ser lançado no início de 1976, o próprio Rick escreveu uma carta para a redação da Pop e perguntou se poderia escolher as melhores fotos para a matéria.

Apesar das tentações do Rio em pleno verão, Wakeman passava mais tempo trancado na suíte do hotel com os tapes de suas apresentações anteriores e muitas partituras, o que lhe garantia definitivamente o status de músico erudito. O inglês ficou fascinado com a Pedra da Gávea (que ele avistava do seu quarto de hotel) e com os contos sobre os discos voadores. Compôs uma canção em homenagem ao Brasil chamada "Pedra da Gavea" e não foi à toa que seu disco seguinte foi batizado de *No Earthly Connection* (Nenhuma Conexão com a Terra), e girava justamente em torno do desconhecido e da vida extra-terrestre. Por razões de ordem financeira, Rick teve que abrir mão do projeto de lançar *No Earthly Connection* como álbum duplo e a faixa intitulada "Pedra da Gavea" ficou de fora, só vindo a ser incluída posteriormente, no álbum *Rhapsodies*, de 1979.

Wakeman voltou ao Brasil mais três vezes: uma em setembro de 1981, onde visitou seis capitais, outra em agosto de 1993, dessa vez acompanhado de seu filho Adam Wakeman, e a última em abril de 2001, com Adam e o New English Rock Ensemble.

Acima: fotos inéditas do show de São Paulo (cortesia de Reginaldo V. Matos). Abaixo: Rick na piscina, ao lado do Rei Roberto Carlos, atendo uma bola esperta e no Maracanã, com sua banda, para o especial de TV. (fotos: reprodução)

Say Yes! *O que Rick Wakeman disse sobre sua visita ao Brasil em 1975!*

Tradução do trecho da autobiografia de Rick, 'Say Yes! An Autobiography', por Maria Lúcia Lessa.

Naquele ano eu também fui parar na América do Sul. Eu era o primeiro artista importante que aparecia por lá. Foi assombroso. Antes de chegar ao Brasil eu não fazia idéia de que tinha vendido mais discos no país do que os Beatles, mas pude perceber logo, quando vi 25 mil pessoas acenando e aplaudindo no aeroporto do Rio de Janeiro.

Nós tocamos com a Orquestra Sinfônica Brasileira e Coral, absolutamente brilhantes. Tocamos Viagem e Artur em noites alternadas para 25 mil pessoas em cada apresentação. Ronnie Biggs, um dos Grandes Assaltantes do Trem Pagador, foi a todos os shows. Lembro-me de ter perguntado a ele se sentia saudades da Inglaterra. Ele apenas se virou, deu uma olhada para a Praia de Copacabana e sorriu.

No meio da série de apresentações, fui levado para conhecer o presidente. Ele estava sentado por trás de uma mesa enorme rodeado por cerca de dez homens que usavam óculos escuros. Como ele não falava inglês trouxeram um intérprete.

Depois do aperto de mãos, o presidente se dirigiu a mim em português e o intérprete traduziu para o inglês. "O presidente está muito satisfeito em dar-lhe as boas vindas ao seu país e espera que esteja tendo uma boa estadia".

"Estou achando maravilhoso estar aqui", disse a ele, e depois que a tradução foi feita o presidente sorriu e novamente me dirigiu a palavra:

"O presidente diz que, infelizmente, por motivos de segurança, não poderá comparecer a nenhuma das apresentações", (os presidentes sul-americanos costumam deixar seus postos, na maioria das vezes, por meio de envenenamento causado por chumbo em forma de balas de revólver) "mas seus filhos estão ansiosos para assistirem Viagem ao Centro da Terra e também Rei Artur na noite de quinta-feira", foi a tradução.

"Poderia dizer ao presidente", disse eu, tentando ser prestativo, "que nós só vamos tocar Viagem na quinta-feira à noite? Na sexta-feira tocaremos Rei Artur, e, no sábado, Viagem novamente."

Depois que o tradutor passou tudo para o português eu percebi claramente uma mudança de expressão no rosto do presidente, mas ele voltou a sorrir e falou mais alguma coisa.

"O presidente diz que seus filhos estão ansiosos para ouvir tanto Viagem ao Centro da Terra como Rei Artur na noite de quinta-feira". Naquele momento o tradutor já estava suando em bicas. "Ele pergunta também se os seus vistos estão em ordem, já que devem ser reemitidos semanalmente".

"Mil perdões", disse eu, retribuindo o sorriso do presidente. "Desconhecimento total da minha parte. Esqueci que nesta quinta-feira, e somente nesta quinta-feira, decidimos tocar Viagem ao Centro da Terra e também Rei Artur na apresentação noturna. E, de quebra, tocaremos a maior parte das Seis Esposas de Henrique VIII também."

Depois de tudo traduzido ele sorriu ainda mais do que antes. A atmosfera relaxou e trocamos outro aperto de mãos antes da minha partida. Três meses mais tarde ele levou um tiro.

Foi durante esta turnê que organizei meu plano musical para o épico dos épicos. Baseado no desconhecido, dei-lhe o título de "No Earthly Connection". (Wakeman, Rick - Say yes! an authobiography. Hodder & Stoughton, Uk. 1995.)

Maria Lúcia Lessa mantém um site recheado de curiosidades sobre a família Wakeman: www.wakemanbrasil.hpg.ig.com.br

papo histórico com o JAQUES DO KALEIDOSCÓPIO

Desde os primórdios do poeira Zine, venho me deparando com um insistente pedido: "Bento, pelo amor de Deus, tente armar uma entrevista com o Jaques, aquele apresentador do programa Kaleidoscópio!"

A geração que já passou dos 40 tem na figura do Jaques mais do que um simples ídolo radiofônico. A importância desse apresentador para a cultura musical do nosso país é enorme. Os especiais de noite de Lua cheia que o Jaques fazia em seu programa e os discos maravilhosos que ele colocava diariamente no ar tiravam o sono de muitos jovens.

Como não pude presenciar seus programas noturnos na rádio América, que tiveram seu auge por volta de 1975/76, nada mais natural escalar um fanático ouvinte daquela época para bater um papo com Jaques. Pedi para Luiz Domingues (o antigo Tigueis, ex-integrante do Chave do Sol, Língua de Trapo, Pitbulls on Crack e Patrulha do Espaço) conduzir o bate papo do qual fiz questão de participar também e poder dar umas boas risadas com meu novo-velho amigo Jaques.

Entrevista realizada por Luiz Domingues / Fotos de Toni de Gomes

pZ - *Quando se iniciou o programa Kaleidoscópio?*

Jaques - A minha referência para não esquecer essa data é o primeiro Festival de Iacanga. O programa começou dois meses após esse Festival (nota do editor: março de 1975)

pZ – *Como pintou a idéia da criação do programa e de onde veio o nome Kaleidoscópio?*

Jaques – Eu queria estar integrado com os roqueiros e com a moçada da época. Eu queria participar daquele espetáculo e tirar o maior proveito de tudo aquilo. Eu fiz uma viagem para um Festival que ia rolar na cidade de Palhoça, Santa Catarina. De lá, eu e dois amigos partimos para o Rio Grande do Sul com umas garotas que conhecemos no festival. Fomos numa Variante sem rádio e cada um de nós acabou fazendo seu programa de rádio no imaginário para sobreviver à viagem. Chegamos em São Leopoldo (RS) como uns hippies doidos e invadimos um terreno. Tinha acabado de chover naquele instante e o sol voltava a brilhar. Deitamos na grama enquanto o sol criava cores refletidas nas gotas de água das folhas. Isso somado a idéia do programa de rádio imaginário me ocorreu o nome Caleidoscópio. Não quis nem saber e já o batizei com a letra "K", Kaleidoscópio.

pZ – *Em plena época de ditadura ferrenha, como você conseguiu colocar um programa tão transado no ar? Ainda mais sendo em uma rádio AM!*

Jaques – Naquela época não existiam as rádios FM como conhecemos hoje. A FM apenas transmitia a mesma programação da AM. As rádios ou eram musicais ou transmitiam partidas de futebol, era muito difícil achar uma opção de horário. Um belo dia, eu estava procurando algo para ouvir no *dial* e achei uma rádio chamada Rádio América, que pertencia a um grupo de padres. Bati na porta da rádio e pedi uma hora por semana para apresentar um programa. Quem me recebeu foi um sujeito chamado João Pimentel, que era o diretor da rádio. Ele chegou pra mim e disse: "Ontem mesmo veio um rapaz e me pediu a mesma coisa que você! Eu pedi pra ele me trazer uma fita com o programa piloto, então nada mais justo eu pedir a mesma coisa para você". Três dias depois eu apareci com a tal fitinha, que gravei em um gravadorzinho de colo, entrevistando os meu amigos, tocando e falando sobre tal música...Apareci lá e pedi uma hora por semana. O cara ouviu a fita e me ofereceu duas horas por dia! Da meia-noite as duas da manhã de domingo a domingo. Sete dias por semana! Existia uma carência de um elemento como o Kaleidoscópio no mercado e isso virou uma bola de neve. Junto do estúdio tinha um grande auditório e a sensação que eu tinha é que o dia do cidadão paulistano terminava meia noite e daí em diante ele ia para o Kaleidoscópio. Nesse auditório sempre pintava uns doidões.. Os caras iam assistir o programa ao vivo e encontrar com toda aquela moçada, acabou virando um point.
A partir daí as coisas começaram a funcionar. O programa virou uma atração para o público da madrugada.

pZ – *Com toda aquela liberdade e astral rolando no seu programa, em algum instante você foi incomodado pela ditadura?*

Jaques – Em nenhum momento eu cheguei a me defrontar com ela. O Kaleidoscópio era um programa do bem. Drogas e sexo eram assuntos comuns dentro do programa, mas eram assuntos como outros quaisquer, nunca levantei essa bandeira, não era um problema falar sobre isso. Eu tinha um quadro chamado "Help Me Doctor" onde um psicanalista respondia semanalmente perguntas sobre sexo. Em 1975 não era comum falar sobre esse assunto no rádio. Por outro lado a repressão não estava atrás disso. Eu nunca usei o programa para fazer política. Minhas ligações nesse campo eram particulares então nunca tive problemas com a ditadura. Sempre tive muito respeito por todos.
Tinha um filho de um governador que era amarradão no meu programa. Ele deixava a minha disposição um Dodge preto com motorista e com sirene no teto para que eu pudesse me locomover com rapidez pela cidade (risos). Filhos de donos de gravadora e de lojas de disco, políticos, todo esse pessoal ouvia o meu programa, era o meu público também.

pZ – *Os ouvintes tinham a nítida impressão de que você tinha total liberdade na condução do programa. Isso acontecia na realidade?*

Jaques – Os padres estavam sempre dormindo nesse horário (risos)! E eles não entendiam nada do meu assunto. Apesar de não ter nenhum vínculo com a igreja e com Deus, eu tinha um grande respeito à idéia da igualdade entre as pessoas e do 'sentimento hippie' da época. No fim, as idéias se encontravam. Eu pegava o papo dos padres, toda aquela coisa do bem, e traduzia para a linguagem da moçada, com todas aquelas gírias da época. Eu dominava muito bem essas duas 'línguas', então o conteúdo continuava o mesmo. Eu podia pegar um texto careta e transformá-lo numa coisa mais moderna para a moçada. E ao mesmo tempo pegar um texto cheio de gírias e deixá-lo mais convencional. Eu fui me fissurando tanto em rádio que me torne. 'rato de microfone'

Comecei a querer apresentar os programas dos padres também (risos). No meu programa, eu poderia apresentar o disco *Dark Side Of The Moon* na íntegra. Nenhum outro programa tinha essa liberdade. Como eu ia sempre até as duas da manhã, e depois só ficava rolando música, sem apresentador, não tinha problema algum se eu passasse do meu horário em meia hora, por exemplo. Era uma alegria fazer esse programa. Uma entrevista com o Walter Franco, por exemplo, podia começar na sexta e terminar só no domingo. Eu tinha total liberdade no ar, tudo era muito solto. Hoje o terreno é fértil para esse tipo de coisa, mas na época era vanguarda.

pZ – *Você que escolhia o repertório que ia ao ar? Aqueles discos eram seus?*

Jaques – Sim! Com algumas sugestões de amigos que me ajudavam na produção. Nessa época a música brasileira ainda tinha uma grande qualidade. E fiz questão de colocar tudo isso no programa. O repertório dependia do material que eu tinha em mãos e com o sucesso do programa passei a ter cada vez mais material em mãos. Com as amizades que iam surgindo através do programa, passei a conhecer cada vez mais. O 'Jaques do Kaleidoscópio' parecia ser mais entendido no assunto do que realmente era. Os ouvintes me ensinavam muito. Era só eu tocar um Van Der Graaf Generator e no dia seguinte aparecia um sujeito fanático pela banda e me contava que o Peter Hammil tinha quebrado a unha em um show no mês passado (risos)! Ele achava que eu sabia tudo da banda! Nessa, ele perguntava se eu tinha tal disco, eu respondia que não e ele falava: "Então amanha eu trago o disco para você gravar". Eu sentia que o pessoal tinha prazer em me apresentar um disco ou uma banda. Rapidamente eu estava cheio de raridades pra tocar.

pZ – *"Massavilha" do Som Nosso de Cada Dia e "Tubular Bells" do Mike Oldfield respectivamente abriam e fechavam seu programa. Isso marcou época. Você que escolheu essas vinhetas?*

Jaques – Sim e não foi por um motivo especial. Eu apenas escolhi. O final do meu programa era sempre muito emocionante com o "Tubular Bells" do Mike Oldfield ao fundo. Eu falava no ouvido do pessoal que ia dormir, sempre de forma improvisada. Até hoje o pessoal que faz rádio de madrugada se sente na obrigação de deixar o público acordado. Eles acham que fazem o programa só para motoristas de táxi, enfermeiras e porteiros (risos). No Kaleidoscópio eu queria fazer o oposto. Se você ligasse o rádio a meia-noite e fosse dormir dez minutos depois, já estava bom demais. Se eu perdesse um ouvinte para o sono, no dia seguinte ele viria tomar do meu comprimido de novo.

pZ – *E aquela entrevista histórica que você fez com o Raul Seixas?*

Jaques – Qualquer entrevista com o Raul era muito boa. Eu te garanto que não preparei nada antes daquele papo, assim como tenho certeza que ele também foi totalmente espontâneo, bem diferente de alguns entrevistados grilados com a repercussão que suas palavras iriam causar. Eu não tenho idéia do que eu perguntei ao Raul e muito menos do que ele respondeu, mas deve ter sido uma entrevista muito boa (risos). Um cara que eu entrevistei muito foi o Arnaldo Baptista, que morava perto do estúdio da rádio. Na época ele estava vivendo o pior momento de sua vida. O Patrick Moraz foi tocar ao vivo no meu programa. O Hermeto Pascoal adorava ir lá também. Por ser albino, ele é um cara totalmente noturno, meia-noite para ele era como se fosse meio-dia. Eu cheguei até a entrevistar o John Lennon! A gravadora dele solicitou para que um radialista de cada grande cidade do mundo fizesse uma dúzia de perguntas ao ex-Beatle. Foi um grande papo! Eu entrevistava também muitos artistas como a Marília Pêra, o Nuno Leal Maia e o Ricardo Petraglia. O Kaleidoscópio era uma referência roqueira para a época, tudo isso numa rádio de padres!

pZ – *O que mais rolava de legal naqueles estudios?*

Jaques – Acontecia muita coisa engraçada e bacana. Como era comum na época, diariamente a rádio fazia uma troca de seus transmissores. Quando dava uma hora da manhã, a rádio deixava de usar o transmissor potente e passava a usar o mais fraco, visando descansar o transmissor principal. Então fazíamos uma pausa para essa troca. Só que o cara da torre achava uma sacanagem muito grande fazer tal troca bem no meio do meu programa, pois daí a potência da rádio ficaria menor (risos). Então todo dia a gente fazia de conta que ia trocar e não trocávamos nada (risos)!
Em outra ocasião eu estava falando no ar do Jacaré, o motociclista mais veloz do Brasil naquela ocasião, porém um cara totalmente sem escrúpulos no trânsito, o que era até normal para a época. E eu estava naquele papo de conscientizar a galera sobre os cuidados no trânsito e tal. Bem no meio da conversa entra a namorada do Jacaré no estúdio para dar a notícia que ele tinha morrido atropelado naquele instante. Eu taquei um "Starless and Bible Black", do King Crimson e deixei rolar (risos)....coisas que acontecem. .isso me bateu tão forte que estou lembrando 30 anos depois. Esse era o Kaleidoscópio...

pZ – *Naquela época de raríssimas oportunidades, o Kaleidoscópio era o principal divulgador do Rock nacional. Não te chateia o fato de que poucas pessoas saibam disso hoje?*

Jaques – Não. O Kaleidoscópio funcionou para quem ouviu na época e para mim, que fiz o programa. Durante a maior parte do tempo eu mesmo não lembro disso. Quando lembro, acho o maior barato. Quando meus filhos ouvem, através de terceiros, algo sobre o Kaleidoscópio, eu sinto neles um certo orgulho. Eu não copiei ninguém e nem tem como alguém querer me copiar. Todos nós fomos ouvindo cada vez mais som, conhecendo cada vez mais coisas, dando cada vez mais informação e até algumas mancadas, mas o importante é que o Kaleidoscópio sempre primou pelo português correto. No rádio é melhor ouvir uma música ruim do que um português incorreto.

pZ – *Por volta de 1977, o programa foi para a rádio Excelsior e o astral não era mais o mesmo. O que aconteceu?*

Jaques – Sair de um convívio marginal para trabalhar em uma grande emissora no meio das estrelas não foi uma experiência muito interessante. Lá ocorreram situações estranhas e comecei até a pisar no calo de certas pessoas, coisa que eu nunca tinha feito até então...Foi um aprendizado, tipo "como conviver em uma rádio voltada ao status da época". Não foi legal.

pZ - *O que você fez depois que o Kaleidoscópio acabou?*

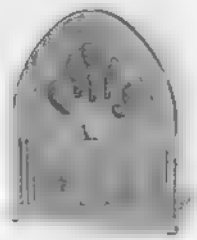
Jaques - Fui para a rádio Antena 1, onde fiz o programa Contatos Imediatos. Depois larguei tudo e fui morar em Goiás. Passei muitos anos sem fazer rádio e não mexi mais com comunicação. Há dez anos voltei e fui fazer televisão. Hoje eu estou empolgado com um livro que escrevi recentemente chamado Monte de Sinais. É fruto de um ano de pesquisas onde eu condensei em um só trabalho uma centena de pensamentos e provérbios sobre a sabedoria judaica. São mais de 400 verbetes de A a Z com propostas diferentes e interessantes. No momento estou fazendo a divulgação desse trabalho.

pZ – *Você toparia voltar a apresentar o Kaleidoscópio em pleno ano de 2006?*

Jaques – Se rolar uma proposta para isso, não serei eu que irei negar. Mas também não serei eu que irei fazer algo para isso rolar .. Estou sempre aberto a tudo..

ELDO-POP

O ROCK PELAS ONDAS DO AR!



por Cláudio Fonzi

Como um fã de Hard e Blues setentista reagiria se ligasse o rádio hoje e ouvisse longas sequências diárias com artistas como Mountain, Grand Funk, Captain Beyond, Warhorse, UFO, Hawkwind , Wishbone Ash, Budgie, Ten Years After, Robin Trower, Free, Armageddon, Groundhogs, Rory Gallagher, Hydra, Rainbow, Stone the Crows, Climax Blues Band, Hot Tuna, Alex Harvey Band, Tempest, Trapeze, Humble Pie, Spooky Tooth, Foghat, Frank Zappa, Allman Brothers, Mahogany Rush, Lynyrd Skynyrd, Bad Company, Ginger Baker, Angel, Sperrmull, Golden Earring, Nutz, T.Lizzy, Bux, Stray Dog, Foghat, Montrose, Manfred Mann's Earth Band, Target, Tucky Buzzard, Zarathustra, Sam Apple Pie, Head East, Missing Link, Climax Blues Band, Bloodrock, Blue Öyster Cult etc???

E se a mesma coisa acontecesse com um fã de Progressivo, Folk e Jazz-Rock e ele ouvisse, na mesma rádio, inúmeras sequências com artistas como Camel, Eloy, Le Orme, Colosseum, PFM, Kansas, Banco, Neu, Trace, Museo Rosembach, Caravan, Jane, Druid, Nektar, Egg, Embryo, Grobschnitt, Gentle Giant, Van Der Graaf, Novalis, Amon Düül, Renaissance, Fruupp, Agitation Free, Satin Whale, Tangerine Dream, Mainhorse, Steeleye Span, Soft Machine, Ibis, Osanna, Magma, Omega, Curved Air, Greenslade, Delirium, Passport, Esperanto, L'Uovo di Colombo, Gong, Thirsty Moon, If, Perigeo, Stanley Clarke, O Terço, Moto Perpétuo, Casa das Máquinas, Vimana, Symphonic Slam, Stil Life, Fairport Convention, Incredible String Band, Pell Mell, Synergy, Cosmic Jokers etc?

Pois é, ambos certamente se emocionariam de felicidade, mas, logo em seguida, ficariam extremamente preocupados com sua própria sanidade mental, de tão utópica que é a concepção de que algo assim possa existir...

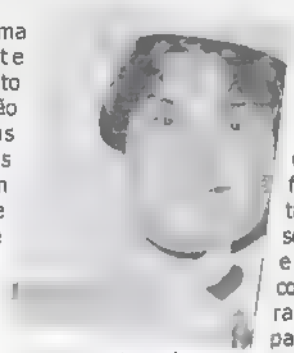
No entanto, já existiu, realmente, uma rádio assim e, mais extraordinário ainda, aqui no nosso Brasil!!!

Seu nome era ELDORADO FM, carinhosamente conhecida como ELDO-POP.

Criada no Rio de Janeiro em 1971, teve vida razoavelmente longa e sobreviveu até o dia 24 de setembro de 1978, quando encerrou suas atividades dando lugar a Rádio 98 FM.

Pertencente às Organizações Globo, sua programação era totalmente baseada nas diversas correntes roqueiras dos anos 70, com mínimas incursões pela MPB (sempre de ótima qualidade, embora incluídas apenas por imposição das leis da época). Tinham também o fantástico diferencial de apresentar, além dos óbvios medalhões já consagrados (Zeppelin, Floyd, Purple, Yes, Genesis, Sabbath etc), dezenas de artistas ingleses e americanos desconhecidos e dezenas de bandas obscuras de países exóticos como Itália, Alemanha, Hungria, França, Holanda e Grécia. Além disso, eram capazes de apresentar longuíssimas faixas em sua forma completa, tais como os dois lados seguidos de *Thick as a Brick* (do J. Tull) e *Ommadawn* (do Mike Oldfield). Músicas acima de 10' de duração eram corriqueiras, tanto de Progressivo quanto de Hard, Blues ou Fusion

A programação ia ao ar diariamente, da 7 da manhã às 2 da madrugada, influenciando enormemente aquela geração e foi responsável pela formação de uma imensa legião de apaixonados por Rock em todo o estado do Rio.



Criada de forma absolutamente incomum, foi fruto de repentina decisão da cúpula das Organizações Globo, sem qualquer tipo de planejamento e com o único intuito de garantir a aquisição de mais um espaço no então iniciante mercado de Rádio FM. Nessa época eram pouquíssimas as emissoras existentes no país, pois tal formato havia sido criado aqui apenas três anos antes. Além disso, as existentes eram quase sempre ligadas a outros veículos de comunicação, como a TV Tupi e o Jornal do Brasil. Assim sendo, era uma excelente oportunidade para o Sistema Globo de Rádio ser ampliado, além de evitar que alguns dos concorrentes se apoderasse daquele espaço.

Foi dada então a insólita ordem para Mario Henrique Guimarães (mais conhecido como Peixinho), então Programador da Rádio Mundial AM, mais importante emissora musical carioca daqueles tempos: organizar para o dia seguinte uma programação musical radicalmente diferente do que rolava nas outras emissoras de FM (sempre caracterizadas como de "Música para adultos" ou "Música para ambientes classe A") ou mesmo do que era tocado na Mundial, que apresentava uma programação jovem e de boa qualidade, mas essencialmente popular.

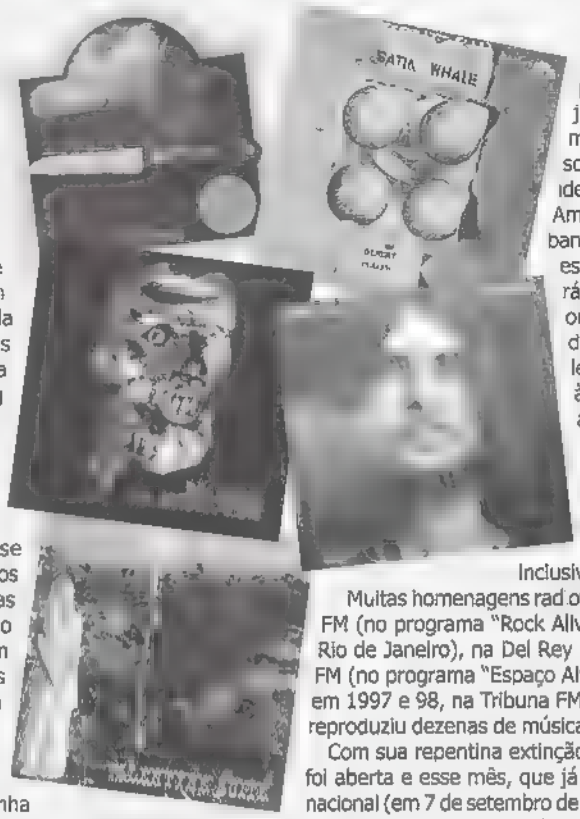
Peixinho então concluiu que a única forma de executar tal tarefa com competência seria utilizando os serviços e o acervo do seu companheiro de Mundial, o radialista e professor paulistano Newton Alvarenga Duarte. Nacionalmente conhecido como **BIG BOY**, Newton foi uma das maiores personalidades da história do Rádio brasileiro e do jornalismo musical em particular. Sua contribuição para a divulgação do Rock em nosso país foi absolutamente imensa e até hoje é incomparável. Já possuía brilhante trajetória profissional, mas a partir do surgimento da Eldo-Pop, teve sua vida intimamente a ela associada e vice-versa. Quando prematuramente

DISCONEXUS
www.disconexus.com.br
CDs Novos & Usados
Pop - Rock - MPB
Jazz - Instrumental
Alternativos e Independentes
Compra - Venda - Troca
Fone/Fax: 3081-7664
Rua da Consolação, 2682
(entre as Alamedas Santos e Jaú)

Renaissance DISCOS
VENDA, COMPRA E TROCA DE LPs, CDs, DVDs, VHS e LIVROS
ESPECIALIZADA EM PROGRESSIVO, HARD, PSICODÉLICO, BLUES, FOLK E MPB
8.000 LPs, 3.500 CDs e dezenas de DVDs que incluem também Heavy Metal, Jazz, Rock e Alternativos em geral, Pop Rock em geral, Música Erudita, Música Eletrônica, Música New Age etc
Aceitamos encomendas de TODOS os estilos e trabalhamos com as principais distribuidoras do planeta
Fornecemos também raridades fora-de-catálogo de todos os estilos, seja no formato LP, seja CD e a um preço REALMENTE ACESSÍVEL e HONESTO
Rua Irmãos D'ngelo, 51, S/L 03 - Galeria Régis, Centro - Petrópolis (RJ) - TEL - (24) 2231-5257
WEBSITES: www.rockprogressivo.com.br/renaissance e www.rockprogressivo.com.br/somninterior
E-mail: renaiss@compuland.com.br e renaissancediscosrj@oi.com.br

faleceu (em março de 77) era mais do que previsível que a rádio sobreviveria por pouco tempo .

Outro elemento de fundamental importância para a Eldo foi José Cláudio Barbedo (o popular Formiga), um dos maiores operadores de áudio e técnicos de gravação já vistos no Rádio e TV brasileiros. Extremamente criativo, Formiga foi o responsável por inúmeras vinhetas que até hoje são usadas em dezenas de rádios e TV. Com suas incríveis mixagens (não esqueçamos da precariedade de recursos da época), criou muitas das marcas registradas da programação, seja com as fantásticas vinhetas (com vozes de Big Boy, Carlos Bianchini, etc, e músicas de discos pertencentes à programação), seja com as próprias seqüências de músicas.



Em rápido depoimento, disse que: "A Eldo-Pop era um gatilho só. Rodava em fitas de rolo, junto com duas cartucheiras que se acionavam através de contatos metálicos presos nas próprias fitas. É por isso que as músicas não eram anunciadas. Não havia programação registrada. Nas caixas das fitas, que eram carretéis de 10 1/2 polegadas, tinha-se apenas uma relação do que estava gravado ali. Era uma rádio "tapa-buraco" que a Globo mantinha para não perder a freqüência, com a qual nunca se importou e da qual nunca teve conhecimento da legião de fãs que tinha. O que a Eldo-Pop tinha era o Big Boy trazendo discos da Virgin, da Brain, de outras etiquetas maluquetes que lançaram o progressivo na Europa, e colocando para rodar por puro prazer".

Por sua vez, Peixinho (que se tornou o Diretor-Geral da rádio) comentou em sua entrevista no vídeo "The **Big Boy** Show": "Antes do estouro da Rádio Cidade e da grande popularização das FMs, a Eldopop era a 1ª colocada".

Na época essa afirmação poderia ser facilmente comprovada, pois era enorme a procura por discos daqueles artistas, não somente nas lojas comuns, mas até mesmo nas importadoras.

Essa procura entre os importados tornou-se então algo de extrema relevância, pois grande parte daquele material ainda era inédito por aqui e tal sucesso influenciou profundamente a atitude das gravadoras. Dessa forma, passaram a dar atenção aos artistas que na rádio tocavam e, em virtude disso, diversas bandas cultuadas entre os ouvintes vieram a ter álbuns produzidos no Brasil. A lista de possibilidades é grande, mas os que mais fortemente se imagina terem sido lançados assim são KANSAS, PREMIATA FORNERIA MARCONI, HAWKWIND, JOURNEY, AMON DUUL, BLUE OYSTER CULT e GONG, pois são bandas que só vieram a ser lançadas no Brasil somente um ou dois anos depois de já fazerem retumbante sucesso na Eldo-Pop. Assim era constituída a mais extraordinária Radio Rock já vista nesse país: apenas três elementos humanos, apenas MÚSICA, sem locuções ou anúncios em uma verdadeira "Stairway To Musical Heaven".

Uma dessas belas características, no entanto, tornou-se fonte de desespero de praticamente todos os seus ouvintes. Era justamente a ausência de locutores, pois, ao mesmo tempo que possibilitava que as viagens sonoras durassem "eternamente", impedia a identificação do que estava sendo executado. Amenizada apenas pelas pequenas listagens de bandas que saíam diariamente no jornal O Globo, essa "tortura" se prolongou por toda a vida da rádio e existe até hoje, pois centenas de seus ouvintes ainda procuram ansiosamente muitas daquelas músicas. Tal paixão e curiosidade levou à formação de sites e listas de discussão, à organização de eventos para encontro de antigos ouvintes e mesmo à infindável peregrinação destes pelas lojas de discos de todo o país com suas velhas fitinhas k-7.

Para ajudar a suprir tais necessidades, vários colecionadores produziram CDs reproduzindo a lendária programação, inclusive com direito às vinhetas originais.

Muitas homenagens radiofônicas também já foram feitas na Fluminense FM (no programa "Rock Alive" dessa outra histórica emissora "Rock" do Rio de Janeiro), na Del Rey FM (no programa "Rock Laser") e na Estácio FM (no programa "Espaço Alternativo"), todas nos anos 80 e, finalmente, em 1997 e 98, na Tribuna FM (última grande emissora "Rock" do RJ), que reproduziu dezenas de músicas da finada Eldo em sua programação diária.

Com sua repentina extinção, no dia 24 de setembro, uma eterna lacuna foi aberta e esse mês, que já era o mais importante e alegre para o rádio nacional (em 7 de setembro de 1922 foi realizada a 1ª transmissão radiofônica oficial brasileira e em 21 de setembro de 1936 foi instituído o Dia do Rádio, data de comemoração mantida até hoje), tornou-se também o mais melancólico...

Cabe, porém, a todos que tiveram a felicidade de apreciá-la, ajudarem a perpetuar a história dessa que foi uma das mais abrangentes e ousadas rádios de Rock de todo o planeta Terra.

Agradecimentos especiais a todos os membros da Comunidade Eldo-Pop do Yahoo, pois, sem a ajuda de vocês tal pesquisa seria quase impossível.

Endereço:
http://br.groups.yahoo.com/group/eldo-pop/

Outros importantes endereços:

http://www.hegner.kit.net/Eldo/frameset_eldo.htm

http://www.freemail.atlastelecom.ro/~eldopop/

http://geocities.yahoo.com.br/radiobase2000/escritos/eldopoptexto.htm

www.portacurtas.com.br/Filme.asp?Cod=1967
(The Big Boy Show. Gênero Documentário Melhor Vídeo Não-Universitário no NÓIA - Mostra Cearense de Vídeos Universitários)

Empório Das Letras
Sebo

LPs - CDs - Livros - Gibis
Usados e Raros - Compra e Venda

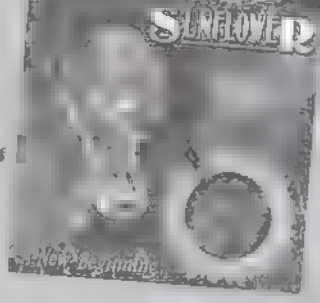
Rua Antônio Raposo, 226 - Lapa
Tel: (11) 3831-4899
Av. Mazzei, 253 - Tucuruvi
Tel: (11) 6204-3270
Av. Pe. Antônio José dos Santos, 1208
Brooklin - Tel: (11) 5506-0483

DISCO 7
(VINIL)
Compra e Venda
Discos Nacionais Anos 60 e 70
Rock Anos 70
www.disco7.com.br
disco7vinil@ig.com.br
Fones: (11) 3231-1193/9889-2860
Galeria Nova Barão
Rua 7 de Abril, 154 (Rua Alta nº 24)
São Paulo/SP

Blackbird
Music Shop
www.blackbird.com.br
CDs, DVDs e Livros
Rock anos 60 e 70
Beatles - MPB
Telefax: 3141-9690
Av. Paulista, 1499 - loja 52
Galeria Trianon - Piso Casa Branca
São Paulo - SP

Sunflower

sempre um novo começo...



À primeira audição desse trabalho da Sunflower, penso em como o rock está passando por um momento difícil.

Não só imagino, como presencio, um alto contingente de músicos de primeira linha que montam suas bandas, mas acabam sempre no anonimato. O pessoal queima a cuca compondo, gasta uma grana preta nos ensaios e no equipamento (pra vocês terem uma idéia, um bom encordoamento de baixo custa, em média, 80 reais) e por questões de grana acabam não tendo seus discos lançados. Hoje, com as novas tecnologias à disposição é até fácil gravar um disco sem muita grana, porém, na hora da divulgação o bicho pega e quase ninguém fica sabendo que o trabalho foi lançado.

Esse disco foi gravado em 2000 e permaneceu cinco anos engavetado até que a loja/selo Blue Sonic tomasse coragem e resolvesse lançá-lo no mês passado.

A New Beginning traz uma banda com cinco jovens apaixonados pela rica sonoridade da virada dos 60s para os 70s. Os timbres e as composições são a cara da época mostrando nitidamente que o pessoal era vidrado em Deep Purple (não à toa que a Sunflower se chamava Powerhouse no começo), Uriah Heep, Grand Funk Railroad, Free e Lucifer's Friend

Alexandre Demétrio (V), Douglas Coronel (T), Silvio Lopes (G), Marcelo "Macarrão" Chaves (Bx) e Alexandre Marciano (Bt), honram a camisa do Rock setentista com muita propriedade e belas composições. O trabalho de guitarras e teclados impressiona e salta aos ouvidos logo na primeira audição. A instrumental carregada de Hammond e caixa Leslie "Leslie's Ritual", as baladas "Friend" e "From My Heart", a pegada Hard de "Living, Loving, Rocking and Rolling" e "Beware The Snake" e a suíte psicodélica "Intergalactical Mind Connexion" não deixam dúvidas de que esta foi uma banda com um final prematuro.

A Sunflower encerrou suas atividades logo após a gravação desse registro, em 2000. A maioria dos integrantes partiu para formar a banda Kingbird, que inclusive lançou um belo disco recentemente.

Já o vocalista Alexandre Demetrio foi para Florianópolis onde fundou a loja Flower Power, que chegou a anunciar algumas vezes aqui na pZ. Nesse último semestre o vocalista da Sunflower fechou a loja e estava voltando para São Paulo quando, fatalmente, sofreu um acidente automobilístico na estrada e nos deixou.

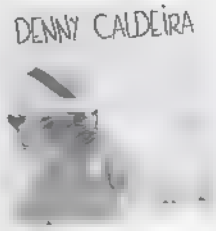
Alê não chegou a ver o CD da Sunflower pronto. Curiosamente, o título do disco tem tudo a ver com o acontecido, "Um novo começo"! Fique em paz my friend and keep on Living, Loving, Rocking and Rolling. .

DENNY CALDEIRA e os Borbulhantes

Como é legal ver uma moçada talentosa criando e compondo em uma nova direção, porém sempre amparado pe.as maravi.hosas influências dos anos 70.

Denny Caldeira é um desses talentos natos, coisa rara nas últimas gerações. O rapaz começou bem cedo tocando violão e guitarra e depois participou de várias bandas, dentre elas o Quarto Elétrico, um competente grupo de Rock Clássico que gravou (mas não lançou) um grande álbum há alguns anos atrás.

Contando com a ótima cozinha ('carne e unha' há sete anos), Márcio 'Soul' Luiz no baixo e Ivan Scartezini na bateria, (que também tocavam no Quarto Elétrico), Denny partiu para uma promissora carreira-solo que rapidamente rendeu esse primeiro e saboroso fruto *Leia nos Olhos*.



O álbum traz um rock honesto e climas bacanas como "A Chuva em Pingos de Canhão", "Negro", "Sangrando na Cidade". "Uma Mulher Mais Quente" e até faixas com cara de hit e de fácil assimilação popular como "Zé, Um Cara Bacana", "Garotinha" e as baladonas "Tão Fácil" e "Leia nos Olhos"

Denny cuida da voz, violão e vocais e divide as honras com as ilustres participações de Luiz Carlini, Bocato e Rodrigo Hid (ex-Patrulha e atual Pedra).

Quem recentemente ingressou nos Borbulhantes, foi o guitarrista Pedrinho (ex-Tornada), que já caiu na estrada com a banda. A moçada vem segurando a onda, mostrando as ótimas composições de Denny Caldeira sempre com muita competência pelos palcos da cidade.

Informações: www.dennycaldeira.com.br

ZOYD MUSIC

CD - Vinil - DVD
Encomendas / Imports

zoyddiscos@uol.com.br
Rua 24 de Maio, 116 - Sobreloja 16
São Paulo - SP - fone: (11)3362-1116

Riva Rock Discos

Uma boa opção para quem procura qualidade e variedade

Grande acervo de Cd´s, Lp´s, Vhs, Dvd´s, Camisetas, Bandeiras, Moletons, etc...

ROCK EM GERAL
TODAS AS ÉPOCAS E ESTILOS
E também JAZZ, REGGAE, BLUES, BLACK MUSIC (nac/int), MB (Música Brasileira)

www.rivarock.com.br
RUA LUZITANA, 1190
CENTRO - FONE: (19) 3237-4945
CAMPINAS - SP - BRASIL

HAVE A NICE DAY

BANDAS QUE TIVERAM UM OU DOIS HITS NO MÁXIMO...

THUNDERCLAP NEWMAN

Something in the Air (1969)

por Yuri Garin

Formado inicialmente como grupo de apoio para um projeto paralelo de Pete Townshend, o Thunderclap Newman iniciou sua efêmera jornada como um trio, formado por Andy Newman (teclados, sax, etc...), John "Speedy" Keen (bateria e vocais) e Jimmy McCulloch (guitarra).

Após alguns ensaios juntos, Townshend rapidamente sentiu a química que rolava nas jams e tratou de descolar um contrato para o trio na Track Records, junto a Kit Lambert (empresário do Who na época - ver pZ 09, com Arthur Brown, nessa mesma seção) o que rendeu, em julho de 1969, o primeiro single do grupo. O disquinho vinha com a música "Something in the Air" recheando o lado A e contava com o próprio Pete Townshend tocando baixo (sob o pseudônimo de Bijou Drains) e produzindo a bolacha. No lado B, a música "Wilhemina" passa desapercebida do público, mas vale destacar o clima psicodélico da canção com um solo de guitarra memorável de Jimmy McCulloch, na época com apenas 16 anos de idade.

Em poucas semanas "Something in the Air" chegava ao número 1 das paradas britânicas e ao 37º posto nos EUA, se tornando uma das mais memoráveis e legítimas "pontes" entre o final da psicodelia britânica (ou o "final do sonho") e o início do rock cheio de tendências feito no início dos anos 70. Ouvindo os vocais de "Speedy Keen" 36 anos após o lançamento da canção, temos uma sensação muito viva de que ainda há algo pairando pelo ar.

Após alguns singles sem muita repercussão sai *Hollywood Dream*, único LP da banda, lançado em setembro de 1970 e inteiramente produzido por Townshend. O disco abria com uma versão alternada de "Something in the Air", executada por Newman, Keen e McCulloch, com uma divisão de canais nos acordes iniciais de guitarra e notoriamente mais lenta do que a versão de compacto. Apenas os arranjos orquestrais de Ian Green foram mantidos. O repertório do disco pode soar um pouco irregular em uma primeira audição mas a qualidade das composições (quase todas de autoria de Keen, inclusive "Something in the Air") é indiscutível. Destaque também para as faixas "Hollywood #1", "The Reason", "Wild Country", "Accidents" (com seus 10 minutos de duração) e para a versão de "Open the Door, Homer" de Bob Dylan (também "coverizada" pelo grupo Titus Groan (ver pZ 08).

O lançamento do disco foi seguido pela entrada na banda de Jim Avery no baixo e Jack McCulloch (irmão mais velho de Jimmy) na bateria. Ambos já haviam tocado juntos em projetos que desaguaram no lendário grupo Andromeda do guitarrista John "Atomic Rooster" Cann. Infelizmente, essa nova dentição do Thunderclap Newman durou pouco e a banda encerrou as atividades no final de 1970.

Andy "Thunderclap" Newman lançou um LP solo em 1971 e eventualmente aparece em Londres dando algumas "canjas" com bandas dos anos 60. "Speedy" Keen também seguiu carreira solo e soltou dois álbuns, ainda nos anos 70. Em 2002, aos 57 anos de idade, Keen fez sua passagem deixando uma brilhante contribuição à música pop mundial.

Após a breve estadia no Thunderclap Newman, Jim Avery seguiu caminho indo tocar com o "subversivo/proto-punk" (nada pejorativo aqui!) Third World War, em 1972. Jack McCulloch, por sua vez, montou os grupos McCullochs (1972) e White Line (1976), ambos com seu irmão Jimmy.

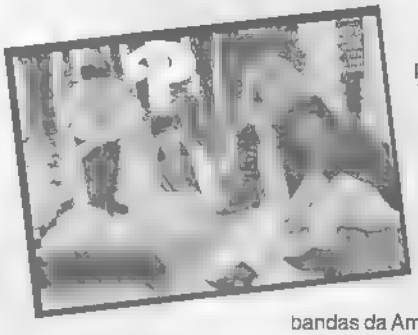
John Mayall, Stone The Crows, Paul McCartney & Wings e Small Faces (1977) foram alguns dos grandes nomes do rock que tiveram o privilégio de em algum momento, contar com a guitarra errante de Jimmy McCulloch. Dono de um estilo único nesse vasto universo de grandes guitarristas dos anos 70, McCulloch morreu vítima de um ataque cardíaco em 1979, aos 26 anos de idade, devido ao consumo abusivo de drogas.

Vale lembrar também que "Something in the Air" já apareceu em inúmeras trilhas sonoras, sendo que a primeira foi a do filme estrelado por Peter Sellers e Ringo Starr chamado "The Magic Christian" (1970), que também incluía canções do Badfinger. Mais recentemente, em 2000, a música entrou na trilha do filme "Almost Famous".

Com certeza ainda há muita coisa pairando no ar...

? MARK AND THE MYSTERIANS

96 Tears (1966)



? Mark and the Mysterians (se pronuncia Question Mark and The Mysterians) pode se gabar de ter sido a primeira banda de Rock formada por músicos latinos a emplacar um mega-hit nos EUA.

O grupo foi formado em 1962, na cidade de Flint, Michigan, a mesma cidade que pariu uma das maiores bandas da América, o Grand Funk Railroad.

O baixista Larry Borjas montou uma bandinha de garagem com seu primo Bobby Balderrama na guitarra e os amigos Robert Martinez na bateria e Frank Rodriguez nos teclados. Conseguiram alguma repercussão local quando um vocalista simplesmente batizado de "?" assume a liderança do grupo. O sujeito era completamente 'misterioso', e não tinha nome, muito antes desse lance do Prince mudar de nome e começar a usar um símbolo como sua assinatura. Question Mark nunca apareceu em público sem os seus grandes óculos escuros (influenciou até o visual de John Kay, do Steppenwolf) e chegou a dar declarações de que tinha nascido em Marte e em outras vidas vivera com os dinossauros! Figuraça!

Até hoje o nome verdadeiro de "?" é um mistério (êta trocadilho besta!), com fontes alegando que ele se chama Rudy Martinez e é irmão de Robert Martinez, ou que se chama Reeto Rodriguez e é irmão, na verdade, do tecladista Frank Rodriguez...mas isso ninguém garante, o que é muito legal.

O pessoal vinha de famílias pobres mexicanas que cruzavam a fronteira com o Texas e tentavam uma vida melhor na América. Muitos desses imigrantes se estabeleciam nos distritos industriais e violentos de Flint. O serviço militar convoca Larry Borjas e Robert Martinez e esses são substituídos por Frank Lugo e Eddie Serrato.

O iluminado Question Mark aparece um dia e apresenta uma nova composição para os rapazes, "96 Tears", antes batizada de "Too Many Teardrops" e "69 Tears". Começam a executá-la semanalmente no boteco em que se apresentavam, até que um expectador de um desses concertos, que trabalhava no pequeno selo Pa-Go-Go, resolve virar manager da banda e lança a música em compacto pela região. Um pequeno estouro.

Com a repercussão em Michigan, a major Cameo-Parkway se interessa e lança o compacto de"96 Tears" no país inteiro. Resultado: número um das paradas norte-americanas naquele final de 1966. Com o sucesso vem o álbum de estréia (também batizado e *96 Tears*, lógico) e no ano seguinte mais um, *Action*, que não deu em praticamente nada. Com a gravadora passando dificuldades financeiras, o chefão da ABKCO, Allen Klein oferece uma merreca e fica com o direito de todas as gravações do ? Mark and the Mysterians.

Arrasados pela exploração dos empresários e pelo fato de não conseguirem igualar o sucesso de "96 Tears", se mandam para a Capitol e lançam mais alguns singles no início de 1969. Também nessa época o baixista Mel Schacher chega a fazer alguns shows com o grupo mas logo é convidado, pelo seu amigo de infância Mark Farner, a integrar um novo grupo que estava se formando na cidade (o Grand Funk Railroad).

Nos anos 70 o ? Mark and the Mysterians tentou com muito custo emplacar mais um hit nas paradas, mas somente conseguiram uma repercussão com o público local de Flint que era bem fanático pela banda. Question Mark chegou até a abandonar a música e virou adestrador de cães.

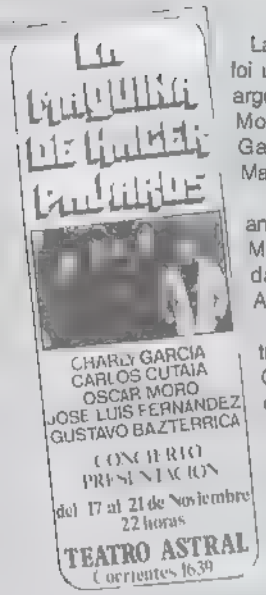
De lá pra cá, ocasionalmente acontecem reuniões da banda, sendo que a de 1978 foi a mais interessante delas por contar com o apadrinhamento do malucão Kim Fowley (mentor/produtor das Runaways e compositor outsider da Califórnia).

"96 Tears" foi um dos principais hits dos anos 60 e um hino da cena de garagem norte-americana.

Allen Klein ainda detém os direitos sobre as gravações originais da banda, inclusive a versão original de "96 Tears". Ele se recusou por muitos anos a relançar esse material e a liberar "96 Tears" para compilações, daí a ausência desse hino na brilhante compilação Nuggets, lançada como uma caixa de quatro CDs pela gravadora Rhino há alguns anos atrás. Klein se redimiu dessa mancada e sua ABKCO acabou de lançar lá fora a coletânea *The Best of ? & the Mysterians: Cameo Parkway 1966-1967*, trazendo 20 clássicos da banda e a tão garimpada versão original de "96 Tears".

A banda está na ativa e mantém um site www.96tears.net

Pérola Escondida



La Maquina de Hacer Pajaros foi um dos muitos projetos do argentino Carlos Alberto Garcia Moreno, o popular Charly Garcia, herói na terra do Maradona.

Na primeira metade dos anos 70, Garcia atuou com Nito Mestre no Sui Generis, uma das principais bandas da América Latina.

Em 1975, lágrimas e tristeza na Argentina. O Sui Generis faz seu show de despedida com Charly se mandando para o Porsuigieco, um conglomerado com a nata do folk portenho: Raúl Porchetto, León Gieco, Nito Mestre e Maria Rosa Yorio. Essa 'tchurma' lançou um único e belíssimo registro em 1976 (eu tenho!) mas o que Charly queria mesmo era se aventurar em uma banda de Rock Progressivo.

Apreciador das aventuras sinfônicas do Genesis, do virtuosismo do Yes e da elegância do Steely Dan, Charly Garcia montou uma verdadeira academia progressiva na Argentina, a La Maquina de Hacer Pajaros, formada por Carlos Cutaia nos teclados, o próprio Garcia também nos teclados e voz, Gustavo Bazterrica na guitarra, José Luis Fernández no baixo e Oscar Mouro na bateria. Assim como o Procol Harum, e outras bandas do estilo, a La Maquina de Hacer Pajaros tinha dois tecladistas, o que deixava a sonoridade deles ainda mais rica e elaborada

Os seguidores do Folk do Sui Generis e do Porsuigieco torceram o nariz para esse novo projeto de Garcia que explorava a fundo todas as possibilidades musicais de seus integrantes.

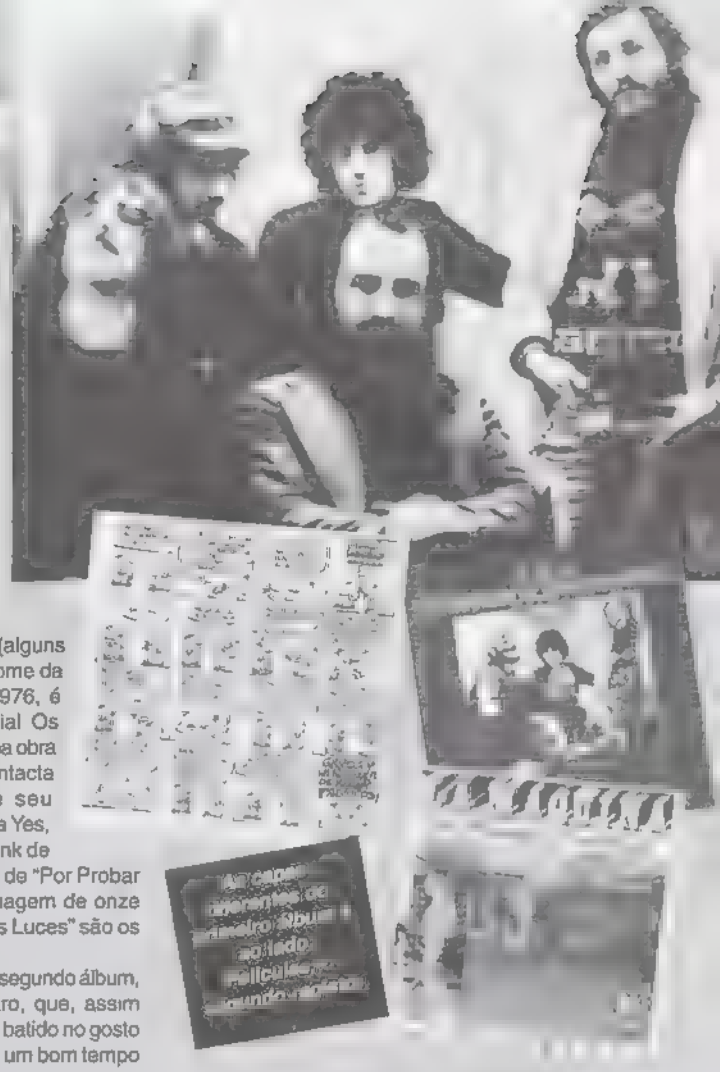
O primeiro e homônimo álbum (alguns fãs o chamam de "Bubulina", o nome da primeira música), lançado em 1976, é uma pérola do Progressivo mundial. Os sete temas do álbum compõem uma obra única e forte, que permanece intacta quase trinta anos depois de seu lançamento. "Bubulina" e seu clima Yes, a grooveria e o solo a la Grand Funk de "Boletos, Pases Y Abonos", o folk de "Por Probar El Vino Y El Agua Salada" e a viagem de onze minutos que é "Ah, Te Vi Entre Las Luces" são os destaques da sublime estréia.

No ano seguinte a banda edita o segundo álbum, *Peliculas*, outro belíssimo registro, que, assim como a estréia, passou totalmente batido no gosto do grande público. Aliás, demorou um bom tempo para que esse projeto de Charly fosse reconhecido até mesmo pelo público argentino.

O grupo ensaiava diariamente visando cada vez mais aprimorar a sua performance ao vivo. O guitarrista Gustavo Bazterrica falta a alguns desses ensaios e Charly o manda embora, logo depois de um grande show em Montevidéu. Para seu lugar vem Alejandro "Golo" Cavotia. Fazem mais um par de shows, mas a vontade de Charly é acabar com tudo e vir morar no Brasil.

Na época, Charly era casado com uma brasileira e apaixonado pela música de Milton Nascimento.

Com o inevitável fim, Charly bola um grande espetáculo de despedida para



La Maquina De Hacer Pajaros, batizado de *El Festival Del Amor ~ Charly Garcia Pianista y Amigo.*

Um dos melhores shows foi essa despedida no Luna Park (a principal casa de shows de Buenos Aires), em novembro de 1977. Nesse espetáculo de despedida da La Maquina, Charly dividiu o palco com muitos convidados como Nito Mestre, León Gieco, Raúl Porchetto, Gustavo Santaolalla, Los Hermanos Markoff, David Lebón, a base acústica do Sui Generis (Rinaldo Rafanelli e Juan Rodríguez), Aníbal Kerpel e Pino Marrone, do Crucis.

Com tudo encerrado em Buenos Aires, Charly Garcia e David Lebón se mandaram para o Brasil e com a 'la plata' arrecadada com o grande concerto do Luna Park alugam por três meses uma grande casa em Búzios, onde montam o Serú Girán, uma das mais populares bandas de rock da Argentina.

CAPTAIN TRIPS
João Pacheco
Rock dos anos 60, 70, e 80
mcpacheco@hotmail.com
CD's & LP's / Compra - Venda - Troca
Todos os sábados das 09:00 as 18:00 hs
Pça. Benedito Calixto (rua dos discos) - Pinheiros
(entre a Cardeal e a Teodoro) - São Paulo - SP

Disc LPs
Raridades do mundo da música
ROCK anos 60 e 70 - BOSSA NOVA
SOUL MUSIC - 80 e 90 - JAZZ ROCK etc.
Compra - Venda - Troca
Todos os sábados das 09:00 as 18:00 hs - Fone: (11) 9730-5752
Pça. Benedito Calixto (rua dos discos) - Pinheiros
São Paulo - SP - diazprojetos@terra.com.br

O Colecionador Fabio Massari

E SUAS MALUQUICES NO MUNDO DOS DISCOS

poeira Zine ˜ Quantos discos você tem?

Fábio Massari – Talvez uns 5.000 discos. Faz mais de dez anos que eu não conto. A minha onda é ter o que me interessa e o que me diverte. Não quero fazer volume. Coleciono apenas as coisas que me agradam.

pZ ˜ Quais estilos musicais você coleciona?

FM – Aí é o caos! Desde muito cedo eu percebi que não era só na Inglaterra e nos Estados Unidos que a galera fazia som. Na Itália tinha rock legal, na Argentina e no mundo inteiro. Isso já abriu bastante o leque. Tudo o que é bom me interessa, do Beat e Psicodelia dos anos 60 até o som que estão inventando agora para o futuro. Punk e Pós-Punk, enfim, os tais dos bons sons. Vou abrindo uns caminhos. Houve uma época que eu estava ouvindo bandas mexicanas, depois bandas psicodélicas japonesas. Curto muito esse lance da pesquisa e da descoberta. Talvez a coisa que eu mais colecione seja o Zappa.

pZ ˜ Em que ordem você guarda os seus discos?

FM – Somente os LPs estão em ordem alfabética e cronológica. Com os CDs eu perdi um pouco esse controle e optei em separar por 'bairros': latinos, italianos, japoneses, alemães, spoken-words, Zappa, etc. Todos acabam se integrando no aparelho de som (risos).

pZ ˜ Qual foi o primeiro?

FM – Eu já ouvia Secos & Molhados, Beatles e Elvis. Em 1974 eu estava com dez anos de idade e o Alice Cooper veio pra cá. Não pude ir ao show, então meu pai me deu o *Muscle Of Love* de presente. Esse disco mudou a minha vida. Com ele comecei a perceber as várias possibilidades com aquela coisa chamada 'rock'. Eu tinha um fascínio por esse álbum e até um certo medo dele também. Aquela capa com os caras vestidos de marinheiro mostrando dinheiro e na contra-capa todo mundo estourado e cheio de sangue, o lado A e o lado B. As músicas tinham uma 'vibe' esquisita e mesmo esse não sendo o melhor disco do Alice Cooper, foi com ele que eu saquei: "É por aí. Esse é o caminho".

pZ ˜ E qual a última aquisição interessante?

FM- Psicodelia louca japonesa. Acid Mothers Temple e afins. A caixa de seis CDs do The Fall, com todas as Peel Sessions, de 1976 até 2004. E também comprei recentemente um Motorhead que eu não tinha, o *Another Perfect Day.*

pZ ˜ Tem algum disco que já passou pela sua mão e você se arrepende até hoje de não ter ficado com ele?

FM – Vários! Nem sei por onde começar (risos)! O primeiro do Screaming Trees, de 1986, é um disco que nem os caras da banda tinham. Esse LP passou pela minha mão e eu pensei "depois eu pego"...Hoje eu tenho o CD, mas o LP nunca mais vi. Também perdi um Sonic Youth e alguns discos do Black Sabbath com prensagem russa.

pZ ˜ Você já entrevistou muitas bandas mundo afora. Você curte levar o disco para pegar autógrafos dos seus entrevistados?

FM – Acho muito legal e não tenho nenhum constrangimento quanto a isso. Nunca fui aquele fã desesperado e chato. Gosto de escolher um disco diferente para o sujeito autografar, geralmente isso provoca reações engraçadas.
(Nota: Massari tem muitos discos autografados, dentre eles um *Sheik Yerbouti*, do Zappa,com dedicatória especial. Ver foto).

pZ ˜ Onde você costuma comprar discos?

FM – Gosto das lojas de disco pelo ambiente. Vasculhar, trocar idéias, encontrar os amigos, dar risada do que seu amigo está comprando... Faço um pouco de tudo, compro algumas coisas pela Internet, se alguém vai viajar providencio uma listinha.

pZ - Qual o selo que mais te impressiona?

FM – Foi a partir dos anos 80 que eu me identifiquei mais com as estampas. 4AD e outros que eu batia o olho e sabia o que esperar deles. Curto muito também os selos do Zappa, Straight Records, Discreet.

pZ ˜ E a melhor prensagem de disco de vinil?

FM- Bom, é aquele negócio. Pra gente que morava aqui, qualquer prensagem era melhor do que a nossa. A americana ou a inglesa? As duas eram melhores! (risos) Eu me liguei pouco nisso. Naquela época, se eu arrumasse o disco já estava beleza. No meu caso, a prensagem nunca foi uma prioridade. Depende muito da época. Já peguei prensagem inglesa péssima. Hoje em dia os caras lançam vinil virgem de 180 gramas que não são necessariamente bons.

pZ ˜ Quais os LPs que você levaria para uma Ilha Deserta?

FM – Isso depende da fase que estou vivendo. *Joe s Garage* do Zappa é o meu preferido de todos os tempos. Blondie, Butthole Surfers e a The Sensational Alex Harvey Band, que é uma das bandas mais legais do mundo. Ao vivo não tinha páreo para eles.

pZ ˜ Que disco da sua coleção você esconde temendo represálias?

FM – Eu não costumo esconder discos. O que algumas pessoas se espantam é que eu tenho ouvido bandas norueguesas de Black Metal como o Mayhem, Burzum e Satyricon. Quando eu vou comprar na loja, a reação é imediata: "Mas é pra você?" (risos). Pode soar engraçado, mas eu curti muito metal nos anos 80.

Seboland
Compra e Venda
LP's e CD's Usados
Enviamos para todo o Brasil via correio
Av. Inconfidência Mineira, 1390 - fone: (11) 3455-5667
Vila Carrão - São Paulo - SP

Sebossauro Discos
Compra & Venda (Usados)
Todos os Gêneros Musicais
LP'S - CD'S - DVD'S - FITAS - REVISTAS - ETC.
Av. Rio das Pedras, 180 - Vila Carrão - São Paulo/SP
Fone: (11) 6785-5566 / 9410-2060 sebossauro@yahoo.com.br

Hard Road Rock
CD'S - DVD'S
Camisetas - Bandeiras
e Acessórios
A única loja em São Sebastião especializada em Rock n' Roll & Heavy Metal
Av. Guarda Mor Lobo Viana, 1224 - Centro - São Sebastião - SP
Fone: (12) 3892-3869 / hardroadrock@speedmax.com.br

Sonhos & Memórias
LPs - CDs - VHS - DVDs
Camisetas: Rock e Surf Wear
Importados - Raros - Fora de catálogo
fone: (11) 5072-1776
Av. Jabaquara, 973, loja 12 - Pça da Árvore - São Paulo - SP

APFEL
www.apfel.com.br
Restaurante Vegetariano
Centro: Rua Dom José de Barros, 99
Esquina com a Barão de Itapetininga
Jardins: Rua Bela Cintra, 1343
Entre a Alameda Jaú e a Alameda Santos

CONFEITARIA SÃO GABRIEL
Bolos - Doces - Salgados
Aceitamos encomendas para festas !
3885-8878
3887-9319
3887-4886
Av. São Gabriel, 416 - Jd. Paulista

Dr. Rock
A serviço e apoio constante ao Rock
dr.rock@vivax.com.br
Santo André - SP

VENTANIA
www.ventania.com.br
COMPRA e VENDA
LP's - CD's - DVD's - Livros e Revistas
Rua 24 de Maio, 188 - 1ª sobreloja - Conjuntos 113/115/117
Fone: (11) 222-6273 - Fax: (11) 3337-2807
São Paulo - SP

Á BARATA
O Melhor Portal de Rock, Cultura e Idéias do Brasil
LIBERDADE DE EXPRESSÃO E EXPRESSÃO DE LIBERDADE
BANDAS, BIOGRAFIAS, MP3
POESIAS, CONTOS, ENTREVISTAS
6 Anos!
Leia a Coluna do Poeira Zine em: www.abarata.com.br/colunas_poeira.asp

Laticínios Nossa Roça
Fone/Fax: (11) 4412-8567
Estrada Boa Vista, Km 9 - CX.P. 396
Cep 12940-000 - Atibaia - SP

WHO Digital Studio
Filmagem de eventos
Book Fotográfico e Digital
Fone:(11) 3873 9258
e-mail: whodigital@hotmail.com

http://whiplash.net
O mais completo site de Rock!
ATUALIZADO DIARIAMENTE
Confira a coluna da poeira Zine na Whiplash

Blue Sonic

Psicodélico
Hard Rock
Progressivo
Jazz Rock

www.bluesonic.com.br
Rua 7 de Abril, 154 - Rua Alta, Loja 44
São Paulo - SP - fone: (11) 3151-4524

"UMA VIAGEM DE VOLTA À ERA DE OURO DO HARD ROCK"

Blue Sonic

RUA 7 DE ABRIL, 154
RUA ALTA / LOJA 44
SÃO PAULO / SP - BRASIL
CEP 01044-000

(11) 3151-4524
E-MAIL: CAPTAINRAY@BOL.COM.BR
WWW.BLUESONIC.COM.BR

GALERIA NOVA BARÃO - O NOVO ESPAÇO DO ROCK

Rua Teodoro Sampaio, 785 - Pinheiros
Fone:(11) 3085-4690 São Paulo - SP

O GARIMPO®
Restaurante
Bar & Choperia

De quinta a sábado as melhores bandas de Classic Rock na Choperia
Não perca a gravação, todas as quintas, do programa Kiss Club da Rádio Kiss FM (102,1)

Confira a programação completa no site www.ogarimpo.com
O Restaurante abre todos os dias a partir das 11:30 hs
Rua da Matriz, 136 - Centro Histórico - Embu das Artes - SP
Telefones: 11-4704-6344 / 11-4781-1215
e-mail: ogarimpo@uol.com.br - Site: www.ogarimpo.com

Sala com 24 m² - Gravações ao vivo ou canal - Produção musical - Spots - Locação

StudioLatitude

Rua Mauricio Francisco Klabin, 273 - Próximo ao metrô Vila Mariana - (11) 5083-3979

WWW.STUDIOLATITUDE.COM.BR

nuvem nove

ANOS 50, 60 e 70

Hard Progressivo Psicodélico Metal

CDs LPs DVDs

COMPRA VENDA E TROCA

Rua Clodomiro Amazonas, 128 - Itaim Bibi - São Paulo - SP tel. (11) 3078-7051 www.nuvemnove.com.br

VIA ROCK

camisetas das melhores bandas dos anos 60 e 70

Solicite catálogo completo - Grande variedade de estampas (todos os estilos)

Faça já seu pedido pelo e-mail: viarock@bol.com.br ou pelo fone: (16) 3964-7565